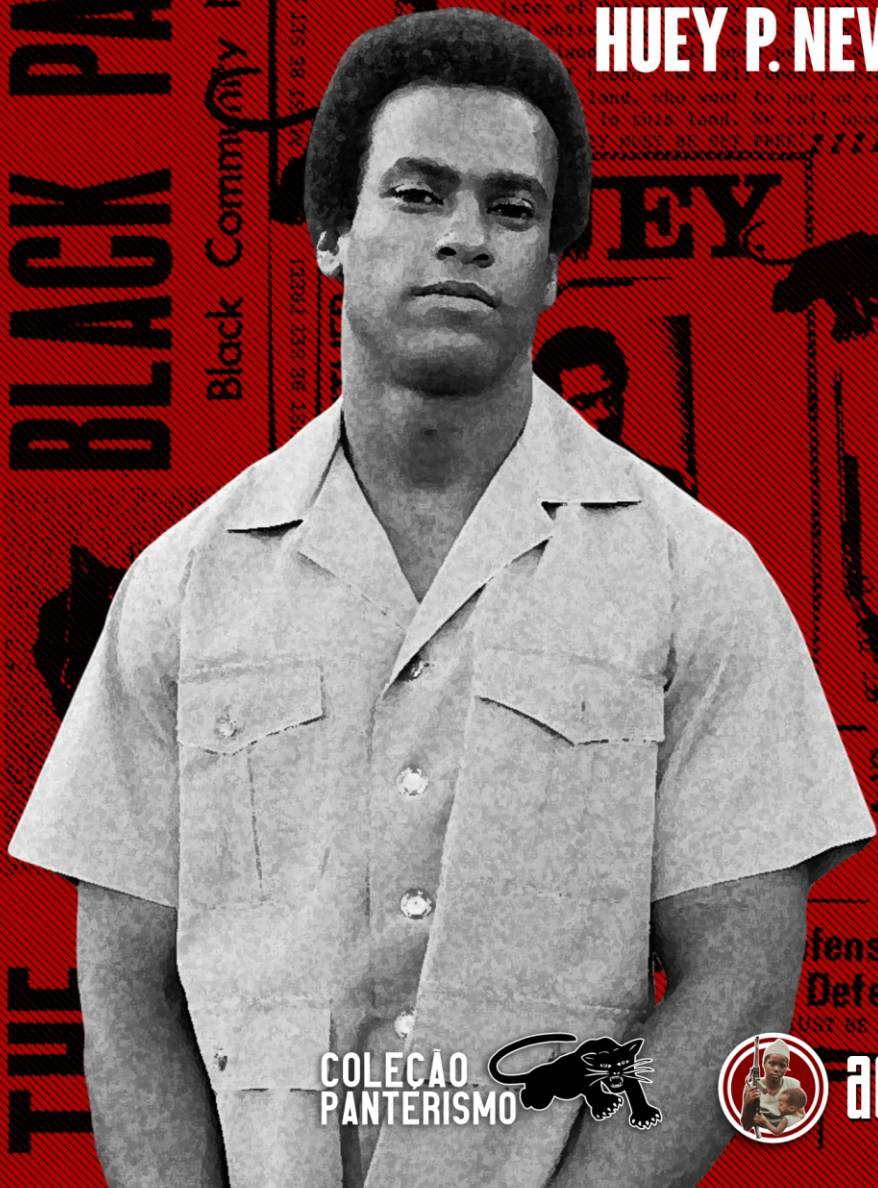


COLEÇÃO PANTERISMO

O MANEJO CORRETO DE UMA REVOLUÇÃO

HUEY P. NEWTON



BLACK PANTHER PARTY
Black Community News

LET US SET FREE

Let us make one thing crystal clear: We do not have the right to indiscriminate violence. We seek no blood. We are not out to kill up white people. On the contrary, we have been the victims of violence. We have been killed. We have been maimed. We have been raped. We have been tortured. We have been starved. We have been denied the right to live in peace and harmony. We call upon the people to rally to the support of the Black Panther Party. We call upon the people to stand with us in our struggle for the liberation of our people. We call upon the people to take up arms in our defense. WE MUST BE SET FREE!

KEY

Name _____
address _____
1 package \$ _____
Enclosed You Will Find \$ _____
city _____

NOW!

Defense & Defens

LET US SET FREE

COLEÇÃO PANTERISMO



adandê


COLEÇÃO
PANTERISMO



adandê

O MANEJO CORRETO DE UMA REVOLUÇÃO

HUEY PERCY NEWTON



Copyright 2024 © *Todos os direitos para todos*

Organização, tradução, adaptação e revisão:

Editorial Adandé

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Gato Preto CC

Impressão e acabamento:

Cooperativa de Artes Gráficas Uhuru

Este livro é uma iniciativa militante e autogestionária, produzido pelo Editorial Adandé com o objetivo de colaborar para a formação teórica de lutadores e lutadoras do povo e com a difusão do pensamento revolucionário. O compartilhamento ou a reprodução total ou parcial desta obra é permitida e incentivada para fins não-comerciais e desde que citados os autores.

1ª edição, outubro de 2021.

2ª impressão, abril de 2024.

Editorial Adandé – Casa da Resistência

Rua César Martins da Silva, nº 35, Centro.

CEP: 44001-508 – Feira de Santana, Bahia - Brasil.

www.editorialadande.com

[instagram.com/editorialadande](https://www.instagram.com/editorialadande)

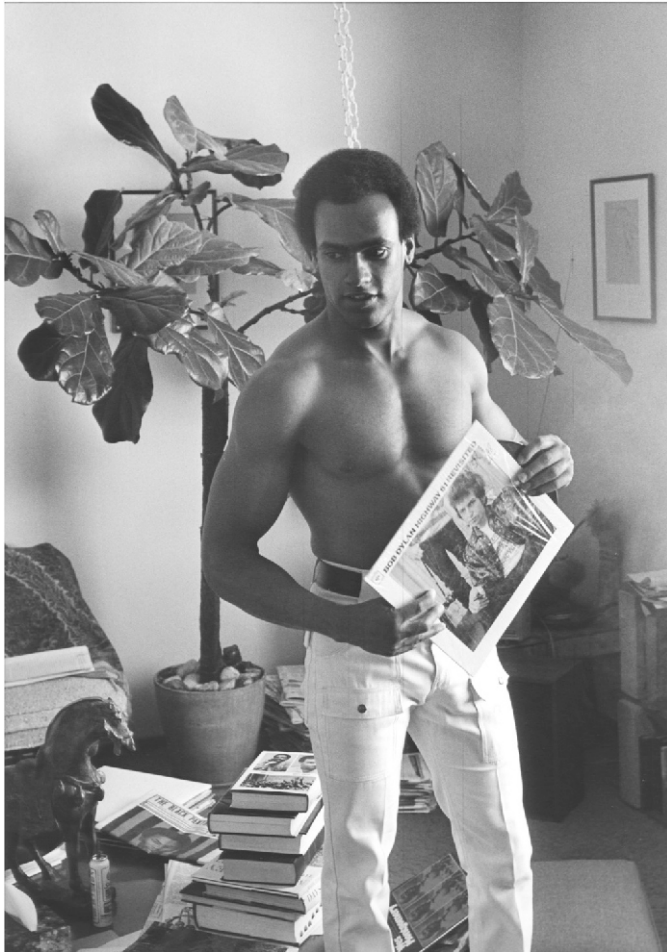
[facebook.com/editorialadande](https://www.facebook.com/editorialadande)

twitter.com/editorialadande



Essa coleção de publicações reunindo escritos de destacados combatentes da libertação negra vinculados à tradição política do Partido Pantera Negra nos EUA, tem como objetivo popularizar a construção teórico-política do que chamamos de *panterismo*, ou seja, a combinação de uma estratégia socialista, revolucionária e anticolonial com o trabalho de massas, o desenvolvimento de programas comunitários, uma dinâmica permanente de autodefesa popular e a organização político-militar para construir um processo revolucionário de ruptura com a dominação capitalista e a supremacia branca, que acreditamos, mantém sua atualidade. Ainda hoje, muitas décadas depois, diversos revolucionários e combatentes, protagonistas das lutas de libertação negra nos anos 1960 e 1970, seguem como prisioneiros políticos do Complexo Industrial-Prisional dos EUA.

Além do caso mais conhecido de Mumia Abu Jamal, jornalista, ex-pantera negra e integrante da Organização MOVE, reforçamos também o chamado para a solidariedade e mobilização pela libertação de militantes históricos do Black Panther Party (BPP), da República Nova África, do Black Liberation Army (BLA), da Weather Underground Organization (WUO), do American Indian Movement (AIM) e de outros grupos revolucionários que seguem como “prisioneiros de guerra” da América branca e imperialista.



Huey P. Newton, fotografado por Stephen Shames em sua casa, em 1970, em Berkeley (Califórnia), enquanto segura o disco "Highway 61 Revisited" de Bob Dylan.

SUMÁRIO

- Huey P. Newton e o Poder Pantera • 08
- Introdução à biografia de Huey P. Newton • 22
- A fundação do Partido Pantera Negra • 25
- O manejo correto de uma Revolução • 29
- Entrevista ao *The Movement* • 34
- À República da Nova África • 54
- Sobre a libertação gay e feminina • 59
- Intercomunalismo • 63
- Nova análise sobre o capitalismo negro • 72
- Unidade contra o inimigo comum • 79
- Camarada caído: elogio a George Jackson • 86
- Suicídio Revolucionário: o caminho da libertação • 94

HUEY P. NEWTON E O PODER PANTERA

No início dos anos 1960 ainda estavam em vigor o conjunto de leis segregacionistas que sucederam a escravidão nos EUA e ficaram conhecidas como “Leis de Jim Crow”, seguiam-se os massacres raciais promovidos por organizações supremacistas brancas paraestatais como a Ku Klux Klan e os Conselhos de Cidadãos Brancos (Citizens' Councils). Martin Luther King Jr. liderava o movimento pelos direitos civis através da Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC) e Malcolm X, rebatizado com o nome muçulmano de El Hajj Malik El-Shabazz e porta-voz da Nação do Islã (NOI), se afirmava como dirigente negro propondo uma alternativa à filosofia da “não-violência” do reverendo King. Huey P. Newton e Bobby Seale se encontram pela primeira vez em 1962 durante manifestações em defesa de Cuba e contra o embargo norte-americano em São Francisco, na Califórnia. A Revolução Cubana liderada por Fidel Castro, Che Guevara e Camilo Cienfuegos afirmava seu caráter socialista e inspirava lutas de libertação e solidariedade em todo o mundo, incluindo de setores oprimidos dentro do império supremacista yanque. Bobby havia ficado impressionado com a capacidade de argumentação de Huey e o convidou para integrar a organização negra que começava a articular a partir do Merritt College, faculdade pública comunitária de Oakland, onde ambos estudavam. Huey inicialmente declina do convite de Bobby, mas seguem colaborando em iniciativas político-culturais na Associação Afro-Americana e em grupos estudantis.

O encontro de Bobby e Huey na Califórnia, ambos migrantes nascidos no Sul, foi fruto também da chamada “Grande Migração para o Norte” ou a “Migração Negra” nos EUA. A família Seale migrou do Texas, e Huey, havia nascido na Louisiana, outro estado sulista com forte histórico de violência racial contra o povo negro. Esse processo migratório rumo aos estados do nordeste, centro-oeste e oeste dos Estados Unidos iniciado na década de 1910 tomou maiores proporções após a “Grande Depressão” de 1929 e tinha co-

mo motivação principal as péssimas condições econômicas das famílias negras e as leis segregacionistas que eram amplamente aplicadas no Sul. Esse perfil de militantes provenientes da migração de famílias negras do Black Belt (Cinturão Negro), que durou até os anos 1970 e deslocou mais de 6 milhões de pessoas da “colônia negra”, vai ser marcante no partido.

O ano de 1965 seria decisivo para a tomada de consciência que culminaria na formação do Partido Pantera Negra (BPP, na sigla em inglês). Em 21 de fevereiro daquele ano, o povo negro dos EUA perde sua mais importante liderança radical, Malcolm X, que havia rompido e denunciado Elijah Muhammad, é assassinado por um fanático religioso da NOI em um episódio nunca esclarecido e com a participação do FBI, CIA e do Departamento de Polícia de Nova York, provocando diversos protestos nas ruas do país. Em agosto, Los Angeles, maior cidade da Califórnia, assiste ao Levante de Watts, após o assassinato do afro-americano Marquette Frye, os distúrbios tomam grandes proporções e a repressão brutal provoca pelos menos 34 mortes. Huey se convence da proposta de Bobby, que era um ex-militar da Força Aérea norte-americana, vendo a grande participação em atividades contra a guerra imperialista no Vietnã e decidem então formar uma nova organização negra.

Em setembro de 1966 as ruas de São Francisco foram varridas pelos protestos da Rebelião de Hunters Point, após o assassinato pela polícia do jovem negro Matthew Johnson, novamente com tropas e tanques da Guarda Nacional realizando uma brutal repressão contra os motins. Bobby e Huey que trabalhavam no Centro de Serviços de North Oakland escrevem então o Programa dos Dez Pontos, redigido por Huey e com sugestões de Bobby, tendo como inspiração decisiva o programa elaborado por Malcolm X para a Organização da Unidade Afro-Americana (OAAU, na sigla em inglês), organização fundada após sua ruptura com a NOI. Posteriormente adotam a pantera como símbolo, o nome Partido Pantera Negra para Autodefesa e afirmam uma linha revolucionária e socialista para a luta de libertação negra. A pantera preta, que Huey descrevia como um animal que ataca apenas para se defender, foi tomada como referência do símbolo usado pela Organização pela Liberdade

do Condado de Lowndes (LCFO), do Alabama, ligada ao Comitê Coordenador Estudantil Não-Violento (SNCC) que tinha Stokely Carmichael à sua frente, e o nome pantera negra também não era exclusivo, sendo usado por dois outros diferentes grupos negros na Califórnia, que depois desapareceriam.

Em 15 de outubro de 1966 o Partido Pantera Negra estava oficialmente fundado, Bobby e Huey se tornariam respectivamente Presidente e Ministro da Defesa da organização, formando uma parceria de décadas que ficaria marcada na longa tradição radical negra nos EUA, com o partido e seus líderes passando a figurar na história da diáspora africana nos EUA ao lado de nomes como Sojourner Truth, Nat Turner, Harriet Tubman, Frederick Douglass, Cyril Biggs, Ida B. Wells, W. E. B. Du Bois, Anna J. Cooper, Marcus Garvey, Oliver Cox, Lucy Parsons, Fannie Lou Hamer, o bolchevique negro Harry Haywood, Rosa Parks, Queen Mother Moore e tantas outras importantes figuras da libertação negra na América racista. Em paralelo às referências negras nos EUA, as lutas dos povos contra o imperialismo norte-americano e o colonialismo também teriam importante peso no contexto de formação do Partido Pantera Negra, além da ampliação do envolvimento direto dos EUA no Vietnã e da Guerra de Resistência contra a América liderada por Ho Chi Minh, Vo Nguyen Giap e pela a Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul, avançavam as lutas de libertação na América Latina e Oriente Médio enquanto as guerras anticoloniais na África se expandiam após a Rebelião Mau-Mau liderada pelo KLF (sigla para o Exército por Terra e Liberdade do Quênia), a libertação de Gana sob a condução de Kwame Nkrumah e a independência conquistada pelo Movimento Nacional Congolês de Patrice Lumumba, sendo seguidas por importantes processos de libertação como os conduzidos pelo Partido Africano para a Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC) de Amílcar Cabral, pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) de Samora Machel e pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) de Agostinho Neto.

O jovem Bobby Hutton é o primeiro recrutado pelo BPP e será o tesoureiro do partido. Em janeiro de 1967, com os poucos recursos que tinham, o primeiro escritório é aberto

e contam com cerca de 25 militantes, incluindo David Hilliard, que se tornaria dirigente nacional e Chefe de Gabinete da organização. O Partido Pantera Negra para Autodefesa, como vai ser chamado até 1968, começa a se expandir pela Califórnia. Huey aprofunda o desenvolvimento da aplicação do marxismo-leninismo às condições e experiência concreta do povo negro nos EUA e para arrecadar fundos e comprarem armas passam a vender Livro Vermelho de citações do presidente Mao Tsé-Tung. As primeiras ações consistem em realizar patrulhas armadas, portando também livros com as leis e câmeras, para acompanhar e intimidar a violência racista e a brutalidade policial nos bairros negros, atividade até então permitida pela legislação da Suprema Corte da Califórnia. Usando uma estética própria com camiseta azul clara e a pantera estampada, jaqueta de couro, calças e boinas pretas, exibindo armas ostensivamente, os panteras transmitem uma imagem de poder e ousadia, causando um grande impacto na comunidade negra, com o partido crescendo em adesões rapidamente. A mídia branca e racista começa a falar sobre um partido “antibranco” formado por “pretos racistas”, que patrulhavam as comunidades com armas. Políticos conservadores locais propõem a “Lei Mulford” para alterar a legislação da Califórnia que permitia que cidadãos portassem armas em público, com o objetivo de frear e criminalizar as atividades do partido.

Ao sair da prisão em 1967, Eldridge Cleaver, escritor que havia sido companheiro de Malcolm X na OAAU, adere ao partido, assumindo a condição de Ministro da Informação. Nesse mesmo ano, em abril, a primeira edição do jornal *The Black Panther* é lançada, com destaque para o trabalho gráfico de Emory Douglas, Ministro da Cultura, e funcionando como importante instrumento de formação e mobilização de massas, o periódico chegará a ter 250 mil leitores nos anos seguintes. Ainda em 1967, o episódio que ficou conhecido na mídia norte-americana como a “invasão de Sacramento” seria um divisor de águas, marcando uma virada que daria visibilidade nacional e internacional ao Partido Pantera Negra. Uma caravana de panteras armados se dirige até Sacramento, capital da Califórnia, para protestar contra a aprovação da “Lei Mulford”, seguindo em marcha e ocupando a Assembleia Legislativa estadual. Ronald Regan,

então governador da Califórnia, que discursava para jovens num local próximo fuge ao ver a coluna de negros armados, o presidente Bobby Seale faz a leitura do “Mandato Executivo nº 1”, escrito por Huey, que por motivos de segurança não participou da ação. Os panteras, mesmo não infringindo qualquer lei, são reprimidos e desarmados pela polícia estadual, 24 militantes do partido são presos, ocasionando uma grande campanha de solidariedade para pagar as fianças dos combatentes detidos.

O BPP que será mais tarde classificado como “a maior ameaça à segurança interna do país” pelo diretor do FBI, J. Edgar Hoover, entra no radar da máquina repressiva estadunidense. Newton, que desde o início do partido enfatizava a importância das armas como “ferramenta básica de libertação” e afirmava categoricamente que “se você não acredita no chumbo, você já está morto” é acusado pela morte do policial branco John Frey, após um tiroteio ocorrido durante uma patrulha em Oakland, em outubro de 1967, com o partido dando início à campanha “Libertem Huey!”, que toma grandiosos contornos e catapulta o partido e a figura do Ministro de Defesa definitivamente em todo o país e no cenário internacional, com seu julgamento e prisão se arrastando até 1970. Eldridge Cleaver, em seu livro escrito no exílio na Argélia, “Uptight in Babylon”, diria que: “Malcolm X estava morto, mas o tiroteio que ele previra já havia começado. [...] A tocha tinha sido acesa, e grandes cidades por todo o país haviam sido incendiadas por negros que, em total desrespeito ao conselho de King, tinham começado a reagir. [...] Os irmãos que acorreram para se juntar ao Partido Pantera Negra o fizeram pela crença explícita de que estavam se unindo àquele exército, e que eles iriam para a guerra.”

Eclipsado pela atuação e crescimento vertiginoso dos panteras, os líderes do SNCC, apesar das divergências iniciais, decidem pela adesão ao partido, com H. Rap Brown se tornando Ministro da Justiça, James Forman, que logo depois romperia com o BPP, assumindo como Ministro de Assuntos Exteriores, e Stokely Carmichael, criador do conceito de “Poder Negro” e que havia assessorado o reverendo King anteriormente, se tornando o “Primeiro-Ministro Honorário” dos Panteras Negras. O tumultuoso ano de 1967 ainda

seria marcado pela rebelião de Newark, em Nova Jersey, com saques e distúrbios nas ruas, deixando 26 mortos pela repressão, e pela a grande Revolta de Detroit, no Michigan, uma rebelião negra e popular que durou vários dias e se espalhou pelo país, sofrendo uma repressão sem precedentes por forças policiais e pelo exército que deixou 43 mortos e mais de 2 mil feridos. Em 4 de abril de 1968, os EUA amanheceria com a notícia do assassinato de Luther King, atingido por um atirador na sacada de um hotel em Memphis, no Tennessee, onde apoiava uma greve de operários negros. O pastor batista e mais importante voz da comunidade afro-americana que se radicalizava cada vez mais e havia anunciado o início da “Campanha dos Pobres”, preocupava o governo dos EUA e seria vítima, assim como Malcolm, de uma conspiração da máquina repressiva e supremacista branca. Mais de 300 mil pessoas acompanham o funeral do Dr. King, o assassinato gera a maior onda de protestos da história americana, mais de 125 cidades registram distúrbios, a revolta dura pelo menos até o dia 11 de abril e o presidente Lyndon Johnson recorre ao exército, a repressão deixa pelo menos 46 mortos no país. Com MLK, seria também sepultada a estratégia integracionista e pacifista de luta contra o racismo, as revoltas seguem por todo o ano de 1968, e em paralelo ao crescimento do Partido Pantera Negra outras organizações revolucionárias vão surgindo no país, como o *Dodge Revolutionary Union Movement* (DRUM) e a *Liga dos Trabalhadores Negros Revolucionários* (LRBW), *Black Liberators*, *Third World Liberation Front*, *Gay Liberation Front*, *Bread and Roses* e a *Weather Underground Organization* (WUO), a partir da radicalização do Students for a Democratic Society (SDS).

Na leitura dos panteras, onde o lumpemproletariado negro, ou seja, a massa negra marginalizada, superexplorada e esfarrapada, era o sujeito fundamental para fazer avançar a luta revolucionária nos EUA, as revoltas espontâneas e as lutas insurgentes nas ruas deveriam ser canalizadas para os programas comunitários de sobrevivência que o partido iniciava nas comunidades negras e para a luta armada, que concebiam a partir da guerrilha urbana e da autodefesa negra. Sob o lema de “Todo Poder ao Povo”, a unidade antifascista e revolucionária com os demais setores oprimidos na

América racista era também um elemento fundamental na estratégia pantera, e culminaria, em 1969, na formação da “Frente Unida Contra o Fascismo” (UFAF), reunindo os chicanos Brown Berets (Boinas Cafés), o partido revolucionário porto-riquenho Young Lords, a organização de brancos pobres apalachianos Young Patriots, o American Indian Movement dos povos originários, o Partido Paz e Liberdade (PPF) de radicais brancos, os asiáticos conhecidos como Perigo Amarelo da I Wor Kuen (Guarda Vermelha), além de outras organizações menores e até mesmo tentativas de diálogo com o Partido Comunista dos EUA, que os panteras negras combatiam e denunciavam como revisionista e reformista.

Fortemente influenciado por Malcolm X, Huey definiria o Partido Pantera Negra como um “testamento vivo” do líder negro muçulmano e a máxima de que a luta de libertação do povo negro deveria ser feita “por qualquer meio necessário” ou clássico discurso o “O voto ou a bala” eram repetidamente citados. Robert Williams, fundador da República Nova África e autor da obra “Negros Armados” foi também uma importante referência para Huey e o partido. O Revolutionary Action Movement (RAM), organização nacionalista negra e marxista-leninista, com forte influência maioísta e um braço armado batizado como Black Guard, que havia sido fundada em 1962 e se espalhou por diversos estados do país, mas com sua base principal na Filadélfia e liderada por nomes como Max Stanford e Donald Freeman, pode ser considerada uma organização revolucionária negra que precede diretamente o BPP, visto que tanto Huey quanto Bobby foram formados politicamente no Soul Students' Advisory Council, uma filial do RAM no Merritt College dirigida por Ernie Allen. Leitor voraz de clássicos, mas dedicado principalmente à literatura nacionalista negra e as obras de Mao, Frantz Fanon e Che Guevara, Huey se consagraria como principal dirigente e teórico do Partido Pantera Negra, sintetizando mais tarde sua defesa de uma linha revolucionária para a luta de libertação negra com o conceito de “intercomunalismo revolucionário”. Dividindo com Eldridge Cleaver o papel de formulador intelectual do partido, Huey abre uma dura luta ideológica contra o chamado “nacionalismo cultural” e a linha reacionária da US Organi-

zation de Ron Karenga, famoso por ser o criador do Kwanzaa e um agente duplo da repressão, opondo o nacionalismo revolucionário ao “nacionalismo reacionário” dos culturalistas, cuja rivalidade estimulada pelo Programa de Contra-inteligência do FBI (COINTELPRO) teria um ponto alto com o assassinato dos panteras Bunchy Carter e John Huggins, após discussões com membros da US na Universidade da Califórnia (UCLA) em janeiro de 1969. Além da influência mais direta das revoluções de Cuba e da Argélia, e até mesmo leituras do “Minimanual do Guerrilheiro Urbano” de Carlos Marighella ou do “Catecismo do Revolucionário” de Sergey Nechayev (que é comumente atribuído também a Mikhail Bakunin), o BPP estabeleceu relações com a República Popular Democrática da Coreia e com a “ideia Juche” de Kim Il Sung, mas principalmente, com o pensamento de Mao e a China socialista, onde Huey foi recebido oficialmente em 1971, sendo o maoísmo preponderante para a definição da estratégia pantera, que reconhecia a situação do povo negro nos EUA em uma condição de uma “colônia interna” da América branca e racista, fazendo uma relação direta entre a política imperialista-colonial contra os povos do mundo com a superexploração, a segregação, o encerramento em massa e a brutalidade policial contra a população afro-americana, conjugando assim, o nacionalismo negro com um programa revolucionário e socialista, atravessado por uma linha profundamente antirracista que caracterizava os EUA como um regime fascista em que capitalismo e racismo se determinavam mutuamente, e onde as massas negras marginalizadas deveriam formar a vanguarda da revolução. O internacionalismo seria marcante na trajetória do partido, o chamado programa Diplomacia do Povo para se contrapor à política imperialista da América branca, estabelece relações com países socialistas e inclui o oferecimento de contingentes de panteras para combater como soldados da Frente Nacional de Libertação e do Governo Provisório Revolucionário do Vietnã do Sul.

Até o fim de 1968 o partido havia aberto sedes em pelo menos 20 cidades dos EUA. Em 1969, segue crescendo rapidamente e promovendo as Escolas de Libertação para formação e educação de combatentes do povo negro, as forças repressivas, por sua vez, abrem uma verdadeira guerra con-

tra o partido através do ilegal e clandestino COINTELPRO, cujo objetivo, segundo o próprio J. Edgar Hoover, era “expor, perturbar, desviar, desacreditar, neutralizar e eliminar” dirigentes do BPP. Em 4 de dezembro de 1969, o presidente dos Panteras Negras de Illinois, Fred Hampton, a liderança mais promissora do partido, é brutalmente assassinado pela repressão enquanto dormia. Com apenas 21 anos, Hampton liderava a chamada “Coalizão Arco-Íris” reunindo panteras, latinos, indígenas, asiáticos e brancos pobres, era um exímio orador e organizador, foi assassinado dentro de casa, juntamente com Mark Clark, em uma operação do Departamento de Polícia de Chicago e do FBI. Mesmo sob forte repressão, o avanço do Partido Pantera Negra segue vertiginoso e até 1970 seriam 68 escritórios espalhados pelo país. Sob o lema maoísta de “Servir ao Povo” organizam mais de 60 programas comunitários de sobrevivência que funcionam por todo o país, além do famoso programa de café da manhã para crianças, as iniciativas gratuitas para o povo negro e outros oprimidos funcionavam nos centros comunitários chamados de “Panther Pads” envolvendo clínicas médicas, pesquisas sobre anemia falciforme, odontologia, optometria, ambulâncias, fornecimento de alimentação e cooperativas alimentares, comunicação comunitária, produção de roupas e sapatos, assistência jurídica, apoio para prisioneiros e familiares, crédito comunitário, serviços de saneamento, combate de pragas, programa habitacional, escolas comunitárias, creches, programas de educação musical, aulas de dança e outras.

O tema da luta antipatriarcal e contra o sexismo também merece destaque na trajetória do Partido Pantera Negra. Segundo um levantamento de Bobby Seale, em 1969, dois terços dos membros da organização eram mulheres. Kathleen Cleaver, que também tinha sido do SNCC, assume a função de Secretária de Comunicação e integra a direção do partido a partir de 1967, diferente da acusação de Angela Davis para justificar seu distanciamento do partido e filiação ao Che-Lumumba Club, uma organização ligada ao reformista PCUSA, os panteras negras sempre buscaram produzir uma autocrítica do “chauvinismo masculino” e conjugar a luta contra o domínio colonial do povo negro com a luta pela libertação das mulheres e o enfrentamento ao se-

xismo. Lideranças como Erika Huggins e Assata Shakur também se destacaram, Elaine Brown assumiria a condição de presidente do BPP, quando Huey P. Newton seguiu para o exílio em Cuba em 1974, para escapar de uma nova acusação tramada pela repressão estatal, retornando apenas em 1977. Candi Robinson no artigo “Mulheres Revolucionárias”, publicado no *The Black Panther* de agosto de 1969, conclamou: “Mulheres negras, mulheres negras, levantai a cabeça e olhai à frente. Nós também somos necessárias à revolução. Irmãs, eduquemos nosso povo. Combater o liberalismo e combater o machismo. Despertar nossos homens para o fato de que somos nem mais nem menos. Somos tão revolucionárias quanto eles. Durante muito tempo temos estado sozinhas. Durante muito tempo temos sido mulheres sem homens, durante muito tempo temos sido duplamente oprimidas, não somente pela sociedade capitalista, mas também pelos homens. Agora já não estamos mais sós, nossos homens estão junto a nós. Nós, mulheres e homens revolucionários, somos um a metade do outro”. E Kathleen, fazendo um balanço anos depois, diria que: “[...] o Partido Pantera Negra defendeu a luta revolucionária para estabelecer uma sociedade socialista. Os Panteras se voltaram para o marxismo-leninismo como guia na oposição do partido ao racismo, ao sexismo e ao capitalismo, [...] os princípios do socialismo ditavam a igualdade de gênero entre os membros do partido, assim como a solidariedade interracial e internacional.”

A perseguição dos organismos de repressão dos EUA contra o partido foi implacável, além de Huey, o presidente Bobby Seale também seria preso, primeiro envolvido no famoso caso dos “Sete de Chicago” em 1969 e depois acusado de matar um informante do FBI. Eldridge Cleaver que havia sido candidato à presidência dos EUA para efeitos de propaganda pelo Partido Paz e Liberdade teria que partir para o exílio também após acusações, passando por Cuba e depois Argélia, onde será responsável pela Seção Internacional do partido. Diversos militantes do partido vão sendo assassinados e centenas seriam presos, em uma sofisticada rede de repressão racista montada pelo governo dos EUA. Jonathan Jackson seria assassinado após tentar sequestrar o juiz, promotores e jurados para tentar libertar os Soledad

Brothers, entre eles, seu irmão George Jackson, fundador da Black Guerilla Family e que havia se tornando um proeminente pantera negra. Angela Davis, que então organizava uma importante campanha pela libertação dos Soledad Brothers, e era companheira de George, é acusada de fornecer as armas da tentativa de sequestro e uma grande campanha por sua liberdade tem início. No dia 21 de agosto de 1971, George Jackson seria assassinado por guardas racistas na prisão de San Quentin, na Califórnia, com presos de todo o país iniciando greves e motins. No Centro Correccional de Attica, no interior do Estado de Nova York se forma a Fração de Liberação de Attica, inspirada por Jackson e pelo anarquista negro Martin Sostre, explode então uma poderosa rebelião revolucionária contra o sistema prisional racista, que após alguns dias é massacrada por uma operação de guerra, com guardas supremacistas brancos assassinando cerca de 40 pessoas, desencadeando greves e rebeliões que envolveram cerca de 200 mil presos em todo o complexo industrial-prisional norte-americano como resposta ao massacre da Rebelião de Attica. Outro caso emblemático de repressão seria o “Panther 21”, quando 21 panteras negras de Nova York são falsamente acusados e presos por atentados em 1969, sendo absolvidos em 1971, entre eles Afeni Shakur, mãe do rapper Tupac, o anarquista novoafricano Kuwasi Balagoon, Dhoruba al-Mujahid bin Wahad, Jamal Joseph e Sundiata Acoli. Com o crescimento meteórico do partido até 1970, a política de infiltração da repressão assumiu sérios contornos dentro da organização, centenas de cartas e informações falsas, além de divergências ideológicas e lutas internas ocasionam expurgos, proibição de novos membros e problemas dentro do BPP. Com Newton preso de 1967 a 1970, Cleaver fora do país depois de abril de 1968, Seale entrando e saindo da prisão entre 1968 e 1971, David Hilliard assume a liderança nacional do BPP até 1971. Stokely Carmichael (Kwame Ture) já havia rompido com o partido em 1969, sustentando uma posição racista e contra a unidade multirracial com outras organizações, mas em 1971 as divergências vão tomando contornos maiores. Huey, após ser libertado, passaria a controlar com mão firme o partido através do Comitê Central em Oakland e defender a priorização do trabalho de massas. As divergências culmi-

nam na expulsão de Geronimo Ji Jaga, que era Vice-Ministro da Defesa e experiente ex-militar condecorado do Vietnã, e de outros importantes panteras como Connie Matthews, Michael “Cetewayo” Tabor e Dhoruba Moore, as lideranças de Nova York envolvidas no caso “Panther 21” abrem um pesado confronto com o Comitê Central, acusando o partido de falta de apoio jurídico e financeiro, Huey e demais acusam os panteras de NY de “nacionalismo cultural” e colaboração com inimigos do povo. Kathleen Cleaver e Eldridge se posicionam contra as expulsões e a centralização de poder por Huey. Finalmente em 26 de fevereiro de 1971, Newton e Eldridge Cleaver concordaram em dialogar sobre as disputas internas do partido, mas durante um programa local da televisão de São Francisco, com Cleaver falando por telefone da Argélia, os dois começam a discutir e expulsaram um ao outro da organização. O conflito entre os dois lados atinge um nível extremo quando Robert Webb, um pantera da Costa Oeste que tomou partido de Cleaver foi assassinado em março de 1971, e logo depois, em abril, Samuel Napper, gerente de distribuição do jornal *The Black Panther*, é morto em Nova York, supostamente em retaliação à morte de Webb. Por serem ambos membros respeitados nacionalmente no partido, a situação de guerra interna gera um temor generalizado entre os panteras, motivando cerca de 40% dos militantes a abandonarem o partido. Huey venceria a luta política interna, mas as lideranças de Nova York e vários outros panteras espalhados pelo país se alinham ao setor de Cleaver, incluindo Russell “Maroon” Shoatz, Sundiata, Mutulu Shakur, Assata Shakur, Ashanti Alston, Bala-goon, Ojore Lutalo e outros importantes quadros que formariam, em conjunto com combatentes da República Nova África e antigos membros da Black Guard do RAM, a organização revolucionária clandestina Exército de Libertação Negra (BLA) para seguir com a luta armada contra o Estado supremacista branco estadunidense. O BLA mantém a tradição original dos panteras negras, mas aprofunda a linha político-militar como organização de guerrilha urbana, coordenando ações armadas com outros grupos como o Weather Underground.

Por fim, é possível sintetizar a trajetória do Partido Pantera Negra em quatro diferentes fases, a primeira fase entre

a fundação em 1966, seu auge em tamanho e influência e o racha em 1971, nessa fase se concentram os escritos e a elaboração político-teórica de Huey, feita principalmente na prisão. Essa fase inicial é marcada também por um grande crescimento nacional do partido, seu reconhecimento internacional, um alto e sofisticado nível de repressão, além de um processo de expurgo nas fileiras da organização e finalmente a ruptura e o nascimento do BLA. A segunda fase do partido tem início em 1971, após a saída de Huey da prisão, uma centralização de poder através do Comitê Central e o início de um caminho reformista, a priorização do trabalho comunitário e dos programas de sobrevivência em detrimento da luta armada, e também pela tentativa eleitoral em Oakland, que ocorre após Huey ganhar novamente sua posição no Comitê Central, aprovando o fechamento das seções locais e suas atividades nos demais estados, com o deslocamento dos militantes que ainda seguiam no partido para a concentração de forças nas candidaturas de Bobby Seale a prefeitura de Oakland e de Elaine Brown à assembleia local, dessa vez diferente das candidaturas anteriores como tática de propaganda, o partido acredita realmente na tomada de poder pela via eleitoral para construir um modelo de poder do povo na cidade onde a organização nasceu.

Após o fracasso eleitoral que deixou o partido em frangalhos, abrindo uma terceira fase, Bobby Sele renuncia à presidência e deixa o partido em 1974, Huey é novamente acusado e parte para o exílio em Cuba, Elaine Brown assume a liderança, promove mais mulheres panteras à condição de direção da organização, mas aprofunda uma linha reformista e mesmo conseguindo incrementar alguns programas comunitários amplia a degeneração da linha revolucionária, fazendo gestões com setores da política tradicional e empresariais. A volta de Huey em 1977 abre a última e derradeira fase da organização, a luta de classes vive um grande refluxo os EUA e o BPP volta a ser um grupo local, apesar de sua grande referência nacional e internacional, Elaine também deixa o partido. Huey, que segundo seus companheiros sempre demonstrou algumas oscilações de personalidade, parece estar de fato abalado psicologicamente com a guerra promovida pelo COINTELPRO contra o partido e adota um comportamento cada vez mais errático,

que alguns críticos relacionam com uma espécie de degeneração ideológica lúmpen na gênese da organização. Com frequentes casos de abusos de drogas por Huey, relações conflituosas com gangues, casos de violência interna e sexismo, a última edição do jornal *The Black Panther* seria publicada em 1980 e a última escola comunitária para jovens fechada em 1982, o lendário Partido Pantera Negra chegaria ao fim nesse mesmo ano.

O homem negro, cuja imagem circulou o mundo com um porte desafiador, sentado em uma espécie de trono, cercado por escudos africanos, segurando uma lança em uma das mãos e uma arma em outra, em uma foto feita a pedido de Eldridge Cleaver, teria um fim trágico. Huey que havia se formado em Direito em 1974, concluiria seu Ph.D. na Universidade da Califórnia em 1980 com uma dissertação intitulada "War Against the Panthers - A Study of Repression in America". Em 1984 seria internado por problemas relacionados ao abuso de drogas e em 22 de agosto de 1989 o icônico pantera negra seria assassinado a tiros em Oakland. A versão policial é de que ele teria sido morto por um traficante e membro da gangue da Black Guerrilla Family, fundada por seu antigo companheiro George Jackson. O exemplo da organização que fundou e dirigiu, desafiando a besta imperialista dentro da sua própria casa, contundo, continua sendo uma importante referência para as lutas dos povos no mundo e para o povo negro na diáspora, especialmente.

INTRODUÇÃO À BIOGRAFIA DE HUEY

*Eldridge Cleaver**

Recordo que, em certa ocasião, durante o julgamento de Huey P. Newton, um advogado me parou no saguão do Tribunal do Condado de Alameda. Estava muito nervoso e me disse: “Estão crucificando Huey, estão o convertendo em outro Jesus”. E recordo que repliquei quase instintivamente: “Sim, Huey é nosso Jesus, mas queremos tirá-lo da cruz”.

A tendência a se considerar Huey como se estive acima e além dos outros, a exaltar Huey como se fosse diferente de todos os demais, é algo que ocorre com muitas pessoas, que acontece com os membros do Partido Pantera Negra e cada vez mais com os negros que compreendem Huey, e que sabem algo sobre a sua liderança no Partido e um pouco sobre a atitude corajosa que ele adotou. Quando se pensa em Huey, e em seus partidários, nas ruas de Oakland pela noite, nas vielas, nas ruas escuras enfrentando os porcos policiais racistas que tem a merecida fama de brutais, malvados e assassinos quando abordam negros, ninguém poderia não se espantar e ficar fascinado pela sua seriedade, sua grande disposição em oferecer a vida em defesa dos direitos do seu povo, e de seus próprios direitos, direitos humanos e constitucionais.

Não poderia deixar de dizer que Huey P. Newton é o maior filho da mãe que já pôs os pés na história. Huey tem um significado muito especial para os negros, porque dur-

* Texto datado de 26 de outubro de 1968, publicado no livro *Post-Prison Writings and Speeches* (1969) com o título original “Introduction to the biography of Huey P. Newton”. Eldridge Cleaver foi escritor, dirigiu o jornal *The Black Panther*, foi Ministro da Informação do Partido Pantera Negra entre 1966 e 1968 e Chefe da Seção Internacional entre 1969 e 1971, enquanto esteve no exílio em Cuba, Argélia e França. Traduzido a partir da versão em espanhol publicada no livro *Pantera Negra, después de la prisión* (1970), págs. 66-68.

ante 400 anos os negros desejaram fazer exatamente o que Huey Newton faz, ou seja, parar diante do mais mortífero tentáculo da estrutura de poder racista branco e desafiar esse mortífero tentáculo, dizendo para esse tentáculo que não aceitará agressão e brutalidade, e que se avançar contra ele, será pago da mesma forma.

Muito tem se escrito sobre Huey P. Newton, ministro da Defesa do Partido Pantera Negra, mas me parece que grande parte do que se tem escrito não mostra seu caráter essencial, visto que não mostra realmente Huey em movimento. O homem que conhece Huey melhor que qualquer pessoa talvez seja Bobby Seale, presidente do Partido Pantera Negra, que, como Huey fundou o Partido. Bobby conhece Huey há aproximadamente 8 anos, desde os dias em que estudaram juntos no Merritt College de Oakland. Teve a oportunidade de observar Huey em diversas circunstâncias e várias situações, tendo a sorte de apreciar e compreender Huey como só se pode fazer depois de uma cuidadosa observação, entendendo a obstinação nos seus objetivos que movem esse homem, Huey Newton.

Como Bobby se uniu a Huey, e, de forma verdadeira colocou sua vida nas mãos dele, teve razões de sobra para avaliar Huey com todo cuidado, chegando à conclusão que não teria nada a temer. Eu diria que, conhecendo Bobby e Huey, e sabendo qual é a relação que existe entre os dois, Bobby não teve dúvida em colocar sua vida nas mãos de Huey. Se pode dizer que sua admiração e respeito por Huey é quase uma espécie de veneração, e não digo em um sentido religioso, mas sim no sentido de que Huey é um homem movido por uma profunda e ardente preocupação com o povo negro, e tem claro que será necessário e fundamental avançar em um nível de ação revolucionária para enfrentar a opressão e motivar o povo negro para que adote uma postura revolucionária contra o sistema racista que o oprime.

Bobby Scheer e eu transportamos Bobby Seale até Carmel, na Califórnia, e lá fomos até uma pequena tenda, colocamos um gravador diante de Bobby, pusemos um microfone em suas mãos e pedimos que nos falasse sobre Huey. Havendo me unido ao Partido Pantera Negra e aceitado Newton como meu dirigente, me descubro compartilhando com Bobby Seale o mesmo sentimento em relação a Huey, a

mesma vontade de colocar minha vida em suas mãos, a mesma confiança que Huey fará o correto em qualquer momento, que seus instintos são sensatos e que não há nada mais a fazer que não seja seguir Huey e respaldá-lo.

A FUNDAÇÃO DO PARTIDO PANTERA NEGRA

*Huey P. Newton**

Por todo esse tempo, Bobby e eu não pensávamos no Partido Pantera Negra, não tínhamos nenhum plano para liderar uma organização, e o Programa de Dez Pontos ainda estava no futuro. Havíamos visto Watts se levantar no ano anterior. Havíamos visto como a polícia atacou a comunidade de Watts depois de gerar o problema em primeiro lugar. Havíamos visto Martin Luther King ir a Watts em um esforço para acalmar o povo, e vimos a sua filosofia de não-violência ser recusada. O povo negro foi ensinado a ser não-violento, isso era muito profundo em nós. Para que servia, no entanto, a não-violência quando a polícia estava determinada a agir pela força? Havíamos visto a polícia de Oakland e a patrulha rodoviária da Califórnia começarem a carregar as suas espingardas abertamente como uma maneira de assustar a comunidade. Vimos tudo isso, e reconhecemos que a consciência crescente do povo negro estava quase no ponto de explodir. As pessoas devem se relacionar com a história de sua comunidade e com seu futuro. Tudo que vimos nos convenceu de que nosso tempo havia chegado.

Dessa necessidade nasceu o Partido Pantera Negra. Bobby e eu finalmente não tínhamos outra escolha a não ser formar uma organização para envolver nossos irmãos das classes de baixo.

Trabalhamos nisso em conversas e discussões. A maior parte das conversas eram casuais. Bobby vivia perto do campus, e a sua sala virou uma espécie de quartel-general. Apesar de ainda estarmos com o Soul Students, fomos a poucas reuniões, e quando íamos nossa presença era na maior parte das vezes incômoda; colocávamos questões que perturbavam todo mundo. Nossas conversas um com o

* Publicado originalmente no livro *Revolutionary Suicide* (2009), com o título "The Founding of the Black Panther Party".

outro se tornaram uma coisa importante. Os irmãos que tinham horários de aula livres e outros que só andavam pelo campus entravam e saíam da casa de Bobby. Bebíamos cerveja e vinho e ruminávamos a situação política, nossos problemas sociais e os méritos e limites de outros grupos. Também discutíamos as conquistas negras do passado, em especial na medida em que nos ajudavam a compreender os eventos atuais.

Em um certo sentido, essas sessões na casa de Bobby eram nossas aulas de educação política e o Partido de certa forma saiu delas. Mesmo depois que nos organizamos formalmente, continuamos as discussões em nosso escritório. No momento, tínhamos avançado para tratar não só dos problemas, mas das soluções possíveis.

Também líamos. A literatura dos povos oprimidos e de suas lutas por libertação em outros países é muito grande, e passamos por esses livros para ver como as suas experiências poderiam nos ajudar a entender nossa situação difícil. Lemos a obra de Frantz Fanon, especialmente *Os Condenados da Terra*, os quatro volumes do Presidente Mao, e *A Guerra de Guerrilhas*, de Che Guevara. Che e Mao eram veteranos das guerras populares e tinham construído estratégias vitoriosas para libertar o seu povo. Lemos os trabalhos desses autores porque os víamos como companheiros; o opressor que os havia dominado estava também nos dominando, tanto direta quanto indiretamente. Acreditávamos que era necessário saber como eles conquistaram sua liberdade para ir adiante em conseguir a nossa. No entanto, não nos limitávamos a simplesmente importar ideias e estratégias; tínhamos que transformar o que aprendíamos em princípios e métodos aplicáveis aos nossos irmãos no bairro.

Mao, Fanon e Guevara, todos viam claramente que os povos tinham sido privados de seus direitos fundamentais e de sua dignidade, não por alguma filosofia ou meras palavras, mas debaixo da mira de uma arma. Eles foram sequestrados por mafiosos, e sofreram violações; para eles, a única maneira de conquistar a liberdade é combater a força com força. No fim, isso é uma forma de autodefesa. Ainda que a defesa possa em certos momentos assumir as características de agressão, em última análise o povo não começa, ele

simplesmente responde ao que foi feito com ele. O povo respeita a expressão de força e dignidade mostrada por homens que se recusam a se curvar às armas da opressão. Ainda que isso possa significar a morte, esses homens vão lutar, porque a morte com dignidade é preferível à vergonha. Então, existe sempre a chance de o opressor ser superado.

Fanon fez uma declaração durante a guerra da Argélia que me impressionou; ele disse que aquele era o “ano do bumerangue”, que é a terceira fase da violência. Nesse momento, a violência do agressor se volta contra ele e o atinge com um golpe mortal. Ainda assim, o opressor não compreende o processo; ele não sabe mais do que ele sabia no primeiro momento em que iniciou a violência. Os oprimidos estão sempre na defensiva, o opressor é sempre agressivo e é surpreendido quando o povo volta contra ele a força que foi usada contra si.

Negros Armados, de Robert Williams, teve uma grande influência no tipo de partido que desenvolvemos. Williams tinha sido ativo em Monroe, Carolina do Norte, com um programa de autodefesa armada que integrou muitos na comunidade. No entanto, eu não gostava da maneira com a qual ele chamou o governo federal para prestar auxílio; víamos o governo como inimigo, a agência de um grupelho dominante que controla o país. Também tínhamos alguma literatura sobre os Diáconos para a Defesa e Justiça, na Louisiana, o estado em que eu nasci. Um dos seus líderes passou pela zona litorânea em uma turnê de discursos e para levantar fundos, e gostamos do que ele disse. Os Diáconos tinham feito um bom trabalho em defender os ativistas pelos direitos civis na sua região, mas eles também tinham o hábito de chamar o governo federal para ajudar na defesa ou pelo menos para apoiar as pessoas que estavam defendendo a lei. Os Diáconos chegaram mesmo ao ponto de alistar xerifes e policiais locais para defender os ativistas, com a ameaça de que se as instituições da ordem não os defendessem, os Diáconos os defenderiam. Também víamos a polícia local, a guarda nacional e os militares regulares como um grande grupo armado que se opunha à vontade do povo. Em uma situação limite, o povo não teria nenhuma defesa real a não ser a que pudesse garantir a si mesmo.

Lemos também os trabalhos dos defensores da liberdade que tinham feito tanto pelas comunidades negras nos Estados Unidos. Bobby tinha reunido todos os discursos de Malcolm X e ideias em jornais como *The Militant* e *Muhammad Speaks*. Estudamos esse material cuidadosamente. Ainda que o programa de Malcolm para a Organização da Unidade Afro-Americana nunca tenha sido colocado em ação, ele deixava claro que os negros precisavam se armar. A influência de Malcolm sempre foi presente. Continuamos a acreditar que o Partido Pantera Negra existe com o espírito de Malcolm.

Frequentemente é difícil dizer exatamente como uma ação ou programa foi determinado de forma espiritual. Esse tipo de coisa intangível é difícil de descrever, ainda que ele possa ser mais significativo do que qualquer influência precisa. Portanto, as palavras escritas aqui não podem transmitir o efeito que Malcolm teve no Partido Pantera Negra, ainda que, no que me diz respeito, o Partido seja um testeamento vivo do trabalho da sua vida. Eu não estou dizendo que o Partido fez o que Malcolm teria feito. Muitos outros dizem que nossos programas são os programas de Malcolm. Não dizemos isso, mas o espírito de Malcolm está em nós.

De todas essas coisas – os livros, os escritos e o espírito de Malcolm, nossa análise da situação local – a ideia de uma organização estava saindo. Um dia, muito de repente, quase por acaso, encontramos um nome. Eu tinha lido um panfleto sobre um registro de eleitores no Mississippi, sobre como o condado de Lowndes havia se armado contra a violência estabelecida. O seu grupo político, chamado Organização da Liberdade do Condado de Lowndes, tinha uma pantera negra como símbolo. Alguns dias depois, quando Bobby e eu estávamos conversando, eu sugeri que usássemos a pantera como nosso símbolo e que chamássemos nossa organização política de Partido Pantera Negra. A pantera é um animal feroz, mas não ataca a não ser que seja encurralada; é então que ela ataca. A imagem parecia apropriada, e Bobby concordou sem discussão. Nesse ponto, sabíamos que era hora de parar de falarmos e começar a organizarmos. Ainda que sempre tenhamos desejado sair das características retóricas e intelectualistas dos outros grupos, às vezes éramos tão inativos quanto eles. Havia chegado o momento para a ação.

O MANEJO CORRETO DE UMA REVOLUÇÃO

*Huey P. Newton**

A maior parte do comportamento humano é comportamento aprendido. A maior parte das coisas que o ser humano aprende é adquirida em uma relação indireta com o objeto. Os humanos não agem pelo instinto, como os animais inferiores fazem. Essas coisas aprendidas indiretamente podem muitas vezes estimular respostas muito eficazes para o que pode ser uma experiência direta posterior. Nesse momento, as massas negras estão lidando com a revolução de maneira incorreta. Os irmãos em East Oakland aprenderam com Watts os meios de resistência, juntando o povo nas ruas, jogando tijolos e coquetéis molotov para destruir a propriedade e criar distúrbios. Os irmãos e irmãs nas ruas foram reunidos em uma área pequena pela polícia, uma Gestapo, e então imediatamente reprimidos pela força brutal das tropas de choque do opressor. Esse modo de resistência é pontual, de curta duração e custoso em termos de violência contra o povo. Esse método foi transmitido para todos os guetos da nação negra pelo país.

A identidade do primeiro homem que arremessou um coquetel molotov não é conhecida pelas massas, mas ainda assim a ação foi respeitada e seguida pelo povo. Da mesma forma, as ações do partido serão reproduzidas pelo povo – se o povo respeitar estas atividades.

A principal tarefa do partido é fornecer uma liderança para o povo. Ele deve ensinar os métodos estratégicos corretos de resistência prolongada pelas palavras e pelas ações. Se as atividades do partido são respeitadas pelo povo, o povo seguirá o exemplo. Esse é o papel principal do partido. Esse conhecimento provavelmente será adquirido em segunda mão pelas massas, assim como o que men-

* Texto publicado no livro *The Huey P. Newton Reader*, organizado por David Hilliard e Donald Weise (2002), págs. 142-146, com o título original “The correct handling of a Revolution”, datado de 20 de julho de 1967.

cionamos acima era adquirido indiretamente. Quando o povo aprende que não é mais vantajoso para ele resistir indo para as ruas em grande número, e quando ele vê a vantagem no método da guerra de guerrilhas, rapidamente seguirão o exemplo.

Mas primeiro, eles devem respeitar o partido que está transmitindo essa mensagem. Quando o grupo de vanguarda destrói a maquinaria do opressor lidando com ele em pequenos grupos de três ou quatro e então escapa da força do opressor, as massas ficarão entusiasmadas e irão aderir a essa estratégia correta. Quando as massas ouvirem que um policial da Gestapo foi executado enquanto tomava seu café na esquina, e os revolucionários escaparam sem serem rastreados, as massas vão ver a validade desse tipo de método de resistência. Não é necessário organizar trinta milhões de negros em grupos primários de dois ou três, mas é importante para o partido mostrar ao povo como conduzir a revolução. Durante a escravidão, quando nenhum partido de vanguarda existia e as formas de comunicação eram seriamente restritas e insuficientes, muitas revoltas de escravizados aconteceram.

Existem basicamente três maneiras pelas quais se pode aprender: pelo estudo, pela observação e pela experiência real. A comunidade negra é basicamente composta de ativistas. A comunidade aprende pela ação, seja pela observação ou pela participação nas atividades. Estudar e aprender é bom, mas a melhor maneira de aprender é a experiência real. O partido deve se envolver em ações que irão ensinar o povo. A comunidade negra basicamente não é uma comunidade de leitores. Portanto, é muito importante que o grupo de vanguarda seja, em primeiro lugar, militante. Sem esse conhecimento da comunidade negra, não se poderia conquistar o conhecimento fundamental para a revolução negra na América racista.

A principal função do partido é despertar o povo e ensiná-lo o método estratégico de resistir à estrutura de poder, que é preparada não apenas para combater a resistência do povo com brutalidade contra a massa, mas, para aniquilar completamente a população negra. Se a estrutura de poder souber que o povo negro tem uma quantidade 'x' de armas em seu poder, isso não vai estimular a estrutura de

poder a se preparar com mais armas, porque ela já está preparada.

O resultado dessa educação será positivo para o povo negro em sua resistência e negativo para a estrutura de poder em sua opressão, porque o partido sempre exemplifica qual o desafio revolucionário. Se o partido não conseguir fazer o povo perceber quais as ferramentas de sua libertação e o método estratégico que deve ser usado, então não há meios pelos quais o povo pode ser mobilizado de maneira adequada.

A relação entre o partido de vanguarda e as massas é uma relação secundária. A relação entre os membros do partido de vanguarda é uma relação primária. É importante que os membros do grupo de vanguarda mantenham uma relação cara-a-cara uns com os outros. Isso é importante para os aparelhos do partido funcionarem bem. É impossível reunir aparelhos funcionais do partido ou programas sem essa relação direta. Os membros do grupo de vanguarda devem ser revolucionários experientes. Isso vai reduzir o risco de informantes do "Tio Tom" e de oportunistas.

O principal propósito da organização de vanguarda deve ser elevar a consciência das massas através de programas educacionais e outras atividades. As massas adormecidas devem ser bombardeadas com a abordagem correta da luta pelas atividades do partido de vanguarda. Assim, as massas devem saber que o partido existe. O partido deve usar de todos os meios necessários para conseguir que essa informação circule entre as massas. Se as massas não tem conhecimento do partido, então será impossível seguir o programa do partido. O partido de vanguarda nunca é clandestino no início de sua existência, porque isso limitaria sua efetividade e processos educativos. Como você pode ensinar as pessoas se as pessoas não te conhecem e te respeitam? O partido deve existir abertamente por tanto tempo quanto a estrutura de poder dos cães permitir, e, com sorte, quando o partido for obrigado a se tornar clandestino, a sua mensagem já terá circulado entre o povo. As atividades do partido de vanguarda na superfície terão necessariamente uma vida curta. É por isso que é tão importante que o partido tenha um impacto imenso no povo antes de ser forçado à

clandestinidade. Nesse momento, o povo sabe que o partido existe, e eles vão buscar mais informação sobre as suas atividades de um partido clandestino.

Muitos dos chamados revolucionários trabalham com uma ilusão falaciosa de que o partido de vanguarda deve ser uma organização secreta que a estrutura de poder desconhece, exceto por algumas declarações ocasionais que chegam às suas casas de noite. Partidos clandestinos não podem distribuir panfletos anunciando uma reunião clandestina. Essas são as contradições e inconsistências de alguns chamados revolucionários. Esses têm, na verdade, medo do risco. Querem que o povo diga o que eles mesmos têm medo de dizer, e que o povo faça o que eles têm medo de fazer. Isso transforma um suposto revolucionário em um covarde, um hipócrita.

Se esses impostores investigassem a história da revolução, veriam que o grupo de vanguarda sempre começa como uma organização aberta e é, mais tarde, forçada à clandestinidade pelo opressor. A Revolução Cubana exemplifica esse fato; quando Fidel Castro começou a resistir ao carnicheiro Batista e aos cães dominantes americanos, ele começou falando no campus da Universidade de Havana, em público. Ele foi, depois, forçado a ir para as montanhas. Esse impacto no povo pobre de Cuba foi muito grande e foi recebido com muito respeito. Quando ele passou à clandestinidade, o povo cubano o procurou. As pessoas foram para as montanhas para encontrar ele e seu grupo de doze. Castro manejou a luta revolucionária corretamente. Se a Revolução Chinesa for investigada, se verá que o Partido Comunista estava atuando com tranquilidade, de modo que conseguiu reunir apoio das massas. Existem muitos lugares em que se pode ler sobre e aprender a abordagem correta, como na revolução no Quênia, na Revolução Argelina, em *Os Condenados da Terra* de Fanon, na Revolução Russa, nos trabalhos do Presidente Mao Tsé-Tung e muitos outros.

Um revolucionário deve perceber que se ele for sincero, a morte é iminente pelo fato de que as coisas que ele está dizendo e fazendo são extremamente perigosas. Sem essa percepção, é impossível proceder como um revolucionário. As massas estão constantemente procurando por um guia, um messias, para liberá-las das mãos do opressor. O partido

de vanguarda deve exemplificar as características de uma liderança digna. Milhões e milhões de pessoas oprimidas podem não conhecer os membros do partido de vanguarda diretamente ou pessoalmente, mas elas irão ganhar pelo contato indireto o conhecimento da estratégia adequada para a libertação pela imprensa de massas e pelas atividades do partido. É de importância fundamental que o partido de vanguarda desenvolva um órgão político, como um jornal produzido pelo partido, assim como, é necessário empregar a estratégia revolucionária da destruição da maquinaria do opressor. Por exemplo, em Watts o comércio e a propriedade do opressor foram destruídos de tal maneira que não importa o quanto o opressor tentasse esconder as ações dos irmãos negros, a natureza real e a causa real da ação foram comunicadas a cada comunidade negra. Para dar mais um exemplo, não importa o quanto o opressor tente confundir e distorcer a mensagem do irmão Malcolm X, o povo negro por todo o país a entende perfeitamente e a recebe.

O Partido Pantera Negra para a Autodefesa ensina que em última análise, a quantidade de armas de fogo e de defesa, como as granadas, bazucas e outros equipamentos necessários, serão supridas ao tomar essas armas da estrutura de poder, como no exemplo do Vietnã. Assim, quanto maior a preparação militar, maior a disponibilidade de armas para a comunidade negra. Alguns hipócritas acreditam que quando o povo for ensinado pelo grupo de vanguarda a se preparar para a resistência, isso apenas produz cada vez mais violência e brutalidade; mas o fato é que quanto mais o sistema se torna opressor, mais aumenta o fervor revolucionário. O povo faz a revolução; os opressores, com suas ações brutais, é que causam a resistência do povo. O partido de vanguarda apenas ensina os métodos corretos de resistência. A reclamação dos hipócritas de que o Partido Pantera Negra para a Autodefesa está expondo o povo a sofrimentos maiores é uma observação incorreta. O povo provou que não irá tolerar mais opressão da polícia racista e seus cães contra rebeliões nas comunidades negras pelo país. O povo está procurando, agora, a orientação para aumentar e fortalecer sua luta de resistência.

ENTREVISTA AO THE MOVEMENT

Huey P. Newton fala ao *The Movement* sobre o Partido Pantera Negra, nacionalismo cultural, SNCC, liberais e revolucionários brancos.*

The Movement: A questão do nacionalismo é uma questão vital no movimento negro hoje. Alguns fazem uma distinção entre nacionalismo cultural e nacionalismo revolucionário. Você gostaria de falar sobre as diferenças e nos dizer qual é a sua perspectiva?

Huey P. Newton: Existem dois tipos de nacionalismo, o nacionalismo revolucionário e o nacionalismo reacionário. O nacionalismo revolucionário depende primeiramente de uma revolução popular que tenha como meta o poder do povo. Por isso, para ser um nacionalista revolucionário você teria necessariamente que ser um socialista. Se você é um nacionalista reacionário, você não é um socialista, e sua meta final é a opressão do povo.

O nacionalismo cultural, ou nacionalismo de costela de porco, como eu chamo às vezes, é basicamente um problema de ter a perspectiva política errada. Ele parece ser uma reação, ao invés de responder à opressão política. Os nacionalistas culturais estão preocupados em retornar à velha cultura africana e, com isso, reconquistar sua identidade e liberdade. Em muitos casos, os nacionalistas culturais se alinham com um nacionalismo reacionário.

Papa Doc, no Haiti, é um excelente exemplo de nacionalismo reacionário. Ele oprime o povo, mas promove a cultura africana. Ele é contra qualquer coisa que não seja negra, o que superficialmente parece muito bom, mas para ele é apenas uma maneira de enganar o povo. Ele só expulsou os racistas e os substituiu por ele mesmo como opressor.

* Entrevista publicada em agosto de 1968, em um panfleto especial do jornal *The Movement*, ligado a organização estudantil Students for a Democratic Society (SDS).

Muitos dos nacionalistas nesse país parecem desejar os mesmos objetivos.

O Partido Pantera Negra, que é um grupo revolucionário de pessoas negras, percebe que temos que ter uma identidade. Temos que perceber nossa herança negra para nos dar força de ir adiante e progredir. Mas quanto a retornar à velha cultura africana, é desnecessário e desvantajoso em muitos pontos. Acreditamos que a cultura por si mesma não vai nos liberar. Vamos precisar de coisas mais fortes.

Um belo exemplo de nacionalismo revolucionário foi a revolução na Argélia, quando Ben Bella assumiu. Os franceses foram expulsos, mas foi uma revolução popular, porque o povo terminou no poder. Os líderes que assumiram não estavam interessados em razões de lucro, em que poderiam explorar o povo e mantê-lo num estado de escravidão. Eles nacionalizaram a indústria e semearam todos os lucros possíveis na comunidade. Em poucas palavras, disso que se trata no socialismo. Os representantes do povo exercem suas funções estritamente com a permissão do povo. A riqueza do país é controlada pelo povo e eles são consultados sempre que modificações nas indústrias são feitas.

O Partido Pantera Negra é um grupo nacionalista revolucionário e vemos uma contradição fundamental entre o capitalismo nesse país e os nossos interesses. Percebemos que esse país se tornou muito rico com a escravidão e que a escravidão é o capitalismo ao extremo. Nós temos dois males para combater: o capitalismo e o racismo. Devemos destruir tanto o racismo quanto o capitalismo.

The Movement: A questão da unidade no interior da comunidade negra está diretamente relacionada com a questão do nacionalismo. Houve algumas questões sobre isso, já que o Partido Pantera Negra lançou candidatos contra outros candidatos negros nas eleições recentes na Califórnia. Qual é a sua posição sobre isso?

Huey P. Newton: Bem, uma coisa muito peculiar aconteceu. Historicamente, tínhamos o que Malcolm X chamava de negro da plantação e negro da casa. O negro da casa tinha alguns privilégios, um pouco mais. Ele ganhava as roupas usadas do senhor e não tinha que trabalhar tanto quanto o negro da plantação. Ele chegou a respeitar o senhor a tal

ponto que ele se identificava com o senhor, porque ganhava algumas das sobras que os negros da plantação não ganhavam. E, por ter essa identidade com ele, ele via os interesses do senhor de escravos como sendo os seus interesses. Em alguns momentos ele chegaria até a proteger o senhor de escravos mais do que ele protegia a si mesmo. Malcolm argumenta que se a casa do senhor pegasse fogo, o negro da casa trabalharia mais duro do que o senhor para apagar o fogo e salvar a casa do senhor, enquanto o negro da plantação, os negros da plantação, estavam rezando para que a casa queimasse por inteiro. O negro da casa se identificava tanto com o senhor que quando ele ficava doente, o negro da casa diria: "Senhor, tamos doentes!".

Os Panteras Negras são os negros da plantação, e estamos esperando que o senhor morra quando ele ficar doente. A burguesia negra parece estar agindo no papel do negro da casa. Eles são pró-administração. Eles gostariam que algumas concessões fossem feitas, mas na configuração geral, eles têm um pouco mais de bens materiais, um pouco mais de vantagens, um pouco mais de privilégios do que os pobretões negros; a classe inferior. E, assim, eles se identificam com a estrutura de poder e veem os seus interesses como os interesses da estrutura de poder. Na verdade, ela é contrária aos seus interesses.

O Partido Pantera Negra foi forçado a traçar uma linha de demarcação. Somos por todos aqueles que são pelo avanço do interesse dos negros pobres, que representam por volta de 98% dos negros aqui na América. Não somos controlados pelos radicais brancos desse país, nem somos controlados pela burguesia negra. Temos uma mente própria e se a burguesia negra não puder se alinhar com nosso programa inteiro, então a burguesia negra se coloca como nossa inimiga. E serão tratados e atacados como tais.

The Movement: O Partido Pantera Negra teve um contato considerável com os radicais brancos desde seus primeiros dias. Qual é o papel desses radicais brancos, na sua perspectiva?

Huey P. Newton: Os radicais brancos desse país são a descendência dos filhos da besta que saqueou o mundo explorando todas as pessoas, se concentrando nas pessoas de

cor. Eles são os filhos da besta que agora buscam se redimir, porque percebem que seus heróis anteriores, que eram senhores de escravos e assassinos, pregavam ideias que eram apenas fachadas para esconder a traição que infligiam no mundo. Eles estão virando as costas para seus pais.

O radical branco desse país, resistindo ao sistema, se torna de certo modo uma coisa abstrata, porque ele não é oprimido tanto quanto as pessoas negras são. Na verdade, a sua opressão é mais ou menos abstrata simplesmente porque ele não tem que viver em uma realidade de opressão.

O povo negro na América e as pessoas de cor em todo o mundo sofrem não apenas da exploração, mas sofrem também com o racismo. As pessoas negras aqui na América, a colônia negra, são oprimidas porque somos negros e somos explorados. Os brancos são rebeldes, muitos deles da classe média e quanto a qualquer opressão aberta, esse não é o caso. Então, eu chamo a sua rejeição do sistema de uma coisa mais ou menos abstrata. Eles estão procurando por novos heróis. Eles estão buscando limpar a hipocrisia que os seus pais deram ao mundo. Fazendo isso, eles veem as pessoas que estão realmente lutando por liberdade. Eles veem as pessoas que estão realmente defendendo a justiça e a igualdade e a paz por todo o mundo. Eles veem o povo do Vietnã, o povo da América Latina, o povo da Ásia, o povo da África e povo da colônia negra aqui na América.

Isso coloca mais ou menos um problema, de muitas maneiras, para o revolucionário negro, especialmente para o nacionalista cultural. O nacionalista cultural não entende os revolucionários brancos porque ele não pode ver porque uma pessoa branca se voltaria contra o sistema. Então, ele pensa que talvez isso seja mais hipocrisia sendo plantada pelas pessoas brancas.

Pessoalmente, penso que existem muitos jovens revolucionários brancos que são sinceros em sua tentativa de se realinhar com a humanidade e tornar realidade os altos padrões morais que seus pais e antepassados apenas exprimiram. Buscando novos heróis, os jovens revolucionários brancos encontraram os heróis na colônia negra no país e nas colônias em todo o mundo.

Os jovens revolucionários brancos levantaram a exigência para que as tropas se retirassem do Vietnã, tirassem as

mãos da América Latina, se retirassem da República Dominicana e também se retirassem da comunidade negra ou da colônia negra. Então, você tem uma situação em que os jovens revolucionários brancos estão tentando se identificar com os povos oprimidos das colônias e contra o explorador.

O problema surge, então, no papel que eles podem assumir. Como eles podem ajudar a colônia? Como eles podem ajudar o Partido Pantera Negra ou qualquer outro grupo revolucionário? Eles podem ajudar os revolucionários negros, em primeiro lugar, simplesmente se afastando da ordem atual, e, em segundo lugar, escolhendo seus amigos. Por exemplo, eles têm a escolha de serem amigos de Lyndon Barnes Johnson ou de Fidel Castro. Amigos de Robert Kennedy ou amigos de Ho Chi Minh. E esses são opostos diretos. Amigos meus ou amigos de Johnson. Depois que fizerem essa escolha, então os revolucionários brancos têm um dever e uma responsabilidade de agir.

O sistema imperialista ou capitalista ocupa regiões. Ele ocupa o Vietnã agora. Eles o ocupam mandando soldados para lá, mandando policiais para lá. Os policiais ou soldados são apenas uma arma na mão da ordem. Eles tornam o racista seguro no seu racismo. A arma na mão da ordem torna a ordem segura em sua exploração. O primeiro problema parece ser remover a arma da mão da ordem. Até pouco tempo atrás o radical branco não via razão para entrar em confronto com os policiais em sua própria comunidade. A razão pela qual eu disse até pouco tempo atrás é porque há atrito agora no país entre os jovens revolucionários brancos e a polícia. Porque agora os revolucionários brancos estão tentando colocar algumas das suas ideias em ação, e há tensão. Dizemos que isso deve ser uma coisa permanente.

Pessoas negras estão sendo oprimidas na colônia por policiais brancos, por racistas brancos. Estamos dizendo que eles devem se retirar. Percebemos que não é apenas o departamento policial de Oakland, mas as forças de segurança em geral. No dia 6 de abril não foi só o departamento de polícia de Oakland que emboscou os panteras. Foi o departamento de polícia de Oakland, o departamento de polícia de Emeryville e eu não me surpreenderia se houvessem mais outros. Quando os revolucionários brancos se mobilizaram para fechar o terminal do exército em outubro de 1965 não

foi a polícia de Oakland por sua própria conta que tentou detê-los. Foram a polícia de Oakland, a polícia de Berkeley, a Patrulha Rodoviária, o Departamento do Xerife, e a guarda nacional estava a postos. Então, vemos que eles são todos parte de uma força de segurança para proteger o *status quo*; para garantir que as instituições consigam executar seus objetivos. Eles estão aqui para proteger o sistema.

No que me diz respeito, a única conclusão razoável seria primeiro perceber o inimigo, conceber um plano, e então quando alguma coisa acontecer na colônia negra – quando somos atacados e emboscados na colônia negra –, então os estudantes e intelectuais brancos revolucionários e todos os outros brancos que apoiam a colônia deveriam responder nos defendendo, atacando o inimigo em suas comunidades. A cada vez que formos atacados em nossa comunidade, deve haver uma reação dos revolucionários brancos; eles devem responder nos defendendo, atacando parte das forças de segurança. Parte dessa força de segurança que está determinada a executar os objetivos racistas das instituições americanas. No que diz respeito ao nosso partido, o Partido Pantera Negra é um partido totalmente negro, porque pensamos, como Malcolm X pensava, que não pode haver unidade entre brancos e negros até que primeiro exista unidade entre os negros. Temos um problema na colônia negra que é particular à colônia, mas estamos dispostos a aceitar ajuda do país desde que os radicais desse país percebam que temos, como Eldrige Cleaver diz em *Soul on Ice*, uma mente própria. Reconquistamos nossa mente, que foi tirada de nós, e vamos decidir as posições políticas e práticas que vamos tomar. Nós vamos fazer a teoria e executar a prática. É dever do revolucionário branco nos ajudar nisso.

Então, o papel do radical desse país, e ele tem um papel, é primeiro escolher seus amigos e seus inimigos, e, depois de fazer isso, coisa que parece que ele já fez, então ele tem que não só rearticular seus desejos para reconquistar seus padrões morais e se realinhar com a humanidade, mas também colocar isso em prática atacando os protetores das instituições.

The Movement: Você falou bastante de lidar com os protetores do sistema, as forças armadas. Você gostaria de elaborar mais a razão pela qual você coloca tanta ênfase nisso?

Huey P. Newton: As razões pelas quais penso muito na questão de lidar com os protetores do sistema são simplesmente que sem essa proteção do exército, da polícia, dos militares, as instituições não poderiam continuar com seu racismo e sua exploração. Por exemplo, quando os vietnamitas expulsam as tropas americanas imperialistas do Vietnã, eles automaticamente fazem com que as instituições racistas e imperialistas da América parem de oprimir esse país em particular. O país não pode implementar seu programa racista sem armas. E as armas são o exército e a polícia. Se os militares forem desarmados no Vietnã, então os vietnamitas serão vitoriosos.

Estamos na mesma situação aqui na América. Sempre que atacamos o sistema, a primeira coisa que os administradores fazem é mandar seus homens de armas. Se é uma greve pelo aluguel, por causa das habitações indecentes que temos, eles vão mandar a polícia para jogar os móveis pela janela. Eles mesmos não vêm. Eles mandam seus protetores. Então, para lidar com o explorador corrupto você vai ter que lidar com seu protetor, que é a polícia que recebe ordens dele. Isso é uma necessidade.

The Movement: Você gostaria de ser mais específico em relação às condições que devem existir antes de uma aliança ou coalizão possa ser formada com grupos predominantemente brancos? Você poderia comentar em especial a sua aliança com o Partido da Paz e Liberdade na Califórnia?

Huey P. Newton: Temos uma aliança com o Partido da Paz e da Liberdade. O Partido da Paz e da Liberdade apoiou nosso programa integralmente e esse é o critério para uma coalizão com o grupo revolucionário negro. Se eles não tivessem apoiado integralmente nosso programa, então não veríamos nenhuma razão para fazer uma aliança com eles, porque vivemos a realidade da opressão. Eles não. Eles são apenas oprimidos de uma maneira abstrata; somos oprimidos de uma maneira real. Nós somos os verdadeiros escravos! Então, esse é um problema pelo qual passamos mais do

que qualquer um, e é nosso problema de libertação. Assim, deveríamos decidir que medidas e que ferramentas e que programas usar para nos libertar. Muitos dos jovens revolucionários brancos percebem isso e eu não vejo razão para não ter uma coalizão com eles.

The Movement: Outros grupos negros parecem sentir que por suas experiências passadas é impossível para eles trabalhar com brancos e é impossível formar alianças. Quais razões você vê para isso e você pensa que a história do Partido Pantera Negra torna esse um problema menor?

Huey P. Newton: Sempre houve uma espécie de relação doentia no passado com os liberais brancos apoiando as pessoas negras que estavam tentando conquistar sua liberdade. Eu os chamo de liberais brancos porque eles são muito diferentes dos radicais brancos. A relação era que os brancos controlaram o SNCC por muito tempo. Desde o início do SNCC até recentemente, eles eram a mente do SNCC. Eles controlavam o programa do SNCC com dinheiro e eles controlavam a ideologia, ou as posições que o SNCC iria tomar. Os negros no SNCC eram completamente controlados programaticamente; eles não podiam fazer mais do que o que esses liberais brancos queriam que eles fizessem, o que não era muito. Então, os liberais brancos não estavam trabalhando pela autodeterminação da comunidade negra. Eles estavam interessados em algumas concessões de uma estrutura de poder. Eles sabotaram o programa do SNCC.

Stokely Carmichael chegou e, percebendo isso, começou a seguir o programa de Malcolm X para o Poder Negro. Isso assustou muitos dos liberais brancos que estavam apoiando o SNCC. Os brancos tiveram medo quando Stokely veio com o Poder Negro e disse que as pessoas negras tinham uma mente própria e que o SNCC seria uma organização totalmente negra, buscava a autodeterminação para a comunidade negra. Os liberais brancos retiraram seu apoio, deixando a organização financeiramente quebrada. Os negros que estavam na organização, Stokely e H. Rap Brown, ficaram com muita raiva dos liberais brancos que os estavam ajudando sob a aparência de serem sinceros. Eles não eram sinceros.

O resultado foi que a liderança do SNCC se afastou dos liberais brancos, o que foi muito bom. Eu não penso que eles distinguiram o liberal branco e o revolucionário branco, porque o revolucionário branco também é branco e eles tem muito medo de ter qualquer contato com pessoas brancas. Até mesmo ao ponto de negar que os revolucionários brancos poderiam dar apoio, apoiando os programas do SNCC no país. Não fazendo programas, não sendo um membro da organização, mas simplesmente resistindo. Da mesma maneira que o povo vietnamita percebe que eles são apoiados sempre que outros povos oprimidos pelo mundo resistem. Porque isso ajuda a dividir as tropas. Isso drena o país militar e economicamente. Se os radicais desse país são sinceros, então isso definitivamente se somaria ao ataque que estamos fazendo à estrutura de poder. O programa do Partido Pantera Negra é um programa em que reconhecemos que uma revolução no país definitivamente nos ajudaria e tem tudo a ver com nossa luta!

Penso que um dos maiores problemas do SNCC é que eles eram controlados pelo administrador tradicional: o administrador onipotente, a pessoa branca. Ele era a mente do SNCC. E então o SNCC reconquistou sua mente, mas acredito que ele perdeu sua perspectiva política. Penso que isso foi uma reação mais do que uma resposta. O Partido Pantera Negra nunca foi controlado por pessoas brancas. O Partido Pantera Negra sempre foi um grupo negro. Sempre tivemos uma integração de mente e corpo. Nunca fomos controlados por brancos, e, portanto, não tememos os radicais brancos desse país. Nossa aliança é a dos grupos organizados negros com os grupos organizados brancos. Logo que os grupos organizados brancos deixem de fazer as coisas que nos beneficiariam em nossa luta pela libertação, esse será nosso ponto de afastamento. Então, não sofremos com o complexo de cor de pele. Não odiamos pessoas brancas; odiamos o opressor. E se acontece de o opressor ser branco, o odiamos. Quando ele deixa de nos oprimir, não o odiamos mais. E nesse momento, na América, os senhores de escravos são um grupo branco. Estamos os expulsando do cargo com a revolução nesse país. Penso que a responsabilidade do revolucionário branco será nos ajudar nisso. E quando somos atacados pela polícia ou pelos militares, então cabe ao re-

volucionário branco desse país atacar os assassinos e responder como respondemos, seguir nosso programa.

The Movement: Você aponta que existe historicamente um processo nas relações entre brancos e negros nos EUA, e que ele deve mudar no decorrer da luta revolucionária. Gostaria de falar sobre isso?

Huey P. Newton: Sim. A relação histórica entre o negro e o branco aqui na América foi a relação entre o escravo e o senhor; o senhor sendo a mente e o escravo sendo o corpo. O escravo executaria as ordens que a mente exigia que ele executasse. Fazendo isso, o senhor roubava a virilidade do escravo, porque arrancava sua mente. Ele arrancava as mentes das pessoas negras. No processo, o senhor de escravos arrancava seu próprio corpo de si mesmo. Como Eldrige diz, o senhor de escravos se torna um administrador onipotente e o escravo se torna o servo supermasculino. Isso coloca o administrador onipotente na posição de controle ou no cargo principal, e o servo supermasculino na plantação.

Toda a relação se desenvolveu de modo que o administrador onipotente e o servo supermasculino se tornam opostos. O escravo sendo um corpo muito forte fazendo todas as coisas práticas, todo o trabalho se torna bastante masculino. O administrador onipotente, no processo de remover a si mesmo de todas as funções corpóreas, percebe mais tarde que ele se emasculou. E isso é muito perturbador para ele. Então, o escravo perdeu a sua mente e o senhor de escravos seu corpo.

Isso fez com que o senhor de escravos tivesse muita inveja do escravo, porque ele imaginava o escravo como sendo mais homem, sendo sexualmente superior, porque o pênis é parte do corpo. O administrador onipotente baixou um decreto quando percebeu que seu plano para escravizar o homem negro tinha uma falha, quando descobriu que ele havia emasculado a si mesmo. Ele tentou atar o pênis do escravo. Ele tentou mostrar que o seu pênis poderia chegar mais longe do que o do servo supermasculino. Ele disse “eu, o administrador onipotente, posso ter acesso à mulher negra”. O servo supermasculino então, teve uma atração psicológica pela mulher branca (a esquisita ultrafeminina) pela simples razão de que ela era um fruto proibido. O ad-

ministrador onipotente decretou que esse tipo de contato seria punido com a morte. Ao mesmo tempo, para reforçar seu desejo sexual, para confirmar sua virilidade, ele iria aos quartos dos escravos e teria relações sexuais com a mulher negra (a amazona autossuficiente). Não para se satisfazer, mas simplesmente para confirmar sua virilidade. Porque se ele conseguisse satisfazer a amazona autossuficiente, então ele estaria certo de que ele era um homem. Porque ele não tem um corpo, ele não tem um pênis, ele quer castrar psicologicamente o homem negro. O escravo estava constantemente buscando a unidade consigo mesmo: uma mente e um corpo. Ele sempre quis poder decidir, ganhar o respeito de sua mulher. Porque a mulher deseja alguém que possa controlar. Eu faço essa imagem para olharmos para o quadro geral do que está acontecendo agora. A estrutura do poder branco hoje na América se define como a mente. Eles querem o controle do mundo. Eles vão e saqueiam o mundo. Eles são os policiais do mundo, exercendo o controle especialmente em relação às pessoas de cor.

O homem branco não pode conquistar sua virilidade, não pode se unir com o corpo, porque o corpo é negro. O corpo simboliza a escravidão e a força. É uma coisa biológica da maneira como ele vê. O escravo está em uma situação muito mais vantajosa, porque não ser um homem integral sempre foi encarado como uma coisa psicológica. E é sempre mais fácil fazer uma transição psicológica do que uma biológica. Se ele conseguir recapturar sua mente, recapturar seus culhões, então ele vai perder todo o medo e será livre para determinar seu destino. É isso o que está acontecendo nesse momento com a rebelião dos povos oprimidos do mundo contra o controlador. Eles estão reconquistando sua mente, e estão dizendo que têm uma mente própria. Estão dizendo que querem liberdade para determinar o destino de nosso povo, unindo, assim, a mente e seus corpos. Eles estão pegando de volta a mente do administrador onipotente, o controlador, o explorador.

Na América, as pessoas negras também estão dizendo que têm uma mente própria. Temos que ter a liberdade de determinar nossos destinos. É uma coisa quase espiritual, essa unidade, essa harmonia. Essa unidade da mente e do corpo, essa unidade do homem consigo mesmo. Algumas

palavras de ordem do Presidente Mao, eu acho, demonstram essa teoria de unir a mente com o corpo no homem. Um exemplo é seu chamado para que os intelectuais fossem ao campo. Os camponeses no campo são todos corpos; eles são trabalhadores. E ele mandou os intelectuais para lá porque a ditadura do proletariado não tem lugar para o administrador onipotente; não tem lugar para o explorador. Então, por isso, ele deve ir para o campo para reconquistar seu corpo; ele deve trabalhar. E realmente se faz um favor a ele, porque as pessoas o forçam a unir sua mente e seu corpo colocando os dois para trabalhar. E ao mesmo tempo, o intelectual ensina às pessoas ideologia política, ele as educa, unindo assim a mente e o corpo no camponês.

The Movement: Você mencionou em outro momento que o guerrilheiro era o homem perfeito, e esse tipo de formulação parece se encaixar diretamente com o guerrilheiro como homem político. Gostaria de falar sobre isso?

Huey P. Newton: Sim. O guerrilheiro é um homem bastante singular. Isso se opõe às teorias marxistas-leninistas ortodoxas em que o partido controla o exército. O guerrilheiro não é apenas o guerreiro, o combatente militar; ele é também tanto o comandante militar quanto o teórico político. Debray diz “pobre da caneta sem as armas, pobres das armas sem a caneta”. A caneta sendo só uma extensão da mente, uma ferramenta para escrever conceitos, ideias. A arma é só uma extensão do corpo, a extensão de nossas pressas que perdemos na evolução. A arma, as garras que perdemos, ela é o corpo. O guerrilheiro é o comandante militar e o teórico político, todos em um só.

Na Bolívia, Che disse que ele teve muito pouca ajuda do Partido Comunista de lá. O Partido Comunista queria ser a mente, o Partido Comunista queria o controle total da atividade guerrilheira. Mas ainda assim, não estava tomando parte no trabalho prático das guerrilhas. O guerrilheiro, por outro lado, não apenas está unido com ele mesmo, mas ele também tenta difundir isso pelo povo educando os camponeses, dando uma perspectiva política a eles, apontando coisas, os educando politicamente, e armando o povo. Portanto, o guerrilheiro está dando aos camponeses e trabalhadores uma mente. Porque eles já têm o corpo, e você tem

uma unidade da mente e do corpo. As pessoas negras aqui na América, que por muito tempo têm sido exploradas, reconquistaram suas mentes, e agora temos uma unidade da mente e do corpo.

The Movement: Você estaria disposto a estender essa fórmula nos termos dos radicais brancos; a dizer que uma das suas lutas hoje é para reconquistar seus corpos?

Huey P. Newton: Sim. Achei que tinha deixado isso claro. O radical branco desse país, ao se tornar um ativista, está tentando reconquistar seu corpo. Sendo um ativista e não o teórico tradicional que determina um plano, como o Partido Comunista tem tentado fazer desde muito tempo, o radical branco desse país está reconquistando seu corpo. A resistência dos radicais brancos em Berkeley durante as últimas três noites é uma boa indicação de que os radicais brancos estão no caminho certo. Eles identificaram seus inimigos. Os radicais brancos integraram a teoria e a prática. Eles perceberam que o sistema americano é o verdadeiro inimigo, mas para atacar o sistema americano eles precisam atacar o policial comum. Para atacar o sistema educacional, eles precisam atacar o professor comum. Assim como o povo vietnamita, para atacar o sistema americano, deve atacar o soldado comum. Os radicais brancos desse país agora estão reconquistando seus corpos e eles estão também reconhecendo que o homem negro tem uma mente e que ele é um homem.

The Movement: Você gostaria de comentar sobre como essa compreensão psicológica nos ajuda na luta revolucionária?

Huey P. Newton: Você pode ver que, até recentemente, em suas declarações as pessoas negras que não haviam sido esclarecidas definiram o homem branco chamando-o de “o Homem”. “O Homem” está tomando a decisão, “O Homem” isso, “O Homem” aquilo. A mulher negra achava difícil respeitar o homem negro porque ele nem mesmo se definia como homem. Porque ele não tinha uma mente, porque a capacidade de tomar decisões estava fora dele. Mas o grupo de vanguarda, o Partido Pantera Negra, juntamente com todos os grupos negros revolucionários, reconquistou nossas

mentes e nossa virilidade. Assim, não definimos mais o administrador onipotente como “O Homem”, ou a autoridade como “O Homem”. Na verdade, o administrador onipotente, junto com todos os seus agentes de segurança, é menos do que um homem, porque nós os definimos como porcos. Eu acho que essa é uma coisa por si mesma revolucionária. Isso é poder político. Isso é o próprio poder. Na verdade, o que é o poder além da habilidade de definir os fenômenos e então fazê-los agir de uma determinada maneira? Quando as pessoas negras começam a definir as coisas e a fazer com que elas ajam da maneira desejada, então chamamos isso de Poder Negro.

The Movement: Você gostaria de falar mais sobre o que você quer dizer com Poder Negro?

Huey P. Newton: O Poder Negro é, na realidade, o poder do povo. O programa dos Panteras Negras, o Poder Pantera, como chamamos, vai implementar esse poder do povo. Respeitamos toda a humanidade e pensamos que as pessoas devem controlar e determinar seus destinos. Elimine o controlador. Ter Poder Negro não humilha ou subjuga ninguém à escravidão ou à opressão. Poder Negro é dar poder às pessoas que não tiveram o poder de determinar seu destino. Defendemos e ajudamos qualquer pessoa que estiver lutando para determinar seu destino. E isso, independentemente da cor. Os vietnamitas dizem que o Vietnã deve poder determinar seu próprio destino. Poder do povo vietnamita. Também gritamos pelo poder do povo vietnamita. Os latinos estão falando de América Latina para os latino-americanos. *Cuba sí, Yanquis no.* Não é que eles não queiram que os ianques não tenham nenhum poder, eles só não querem que os ianques não tenham poder sobre eles. Eles querem ter poder sobre eles mesmos. Nós na colônia negra na América queremos ter poder sobre nossos próprios destinos, e isso é Poder Negro.

The Movement: Muitos radicais brancos são românticos em relação ao que Che disse: “na revolução, ou se vence ou se morre”. Para muitos de nós, essa é uma questão abstrata ou teórica. Para você é uma questão real e gostaríamos que você falasse um pouco sobre o que pensa sobre isso.

Huey P. Newton: Sim. O revolucionário não propõe acordos. Não vamos fazer acordos porque o problema é muito básico. Se transigimos uma vírgula, vamos estar vendendo nossa liberdade. Estaremos vendendo a revolução. E nos recusamos a continuar escravos. Como Eldridge diz em *Soul on Ice*, “um escravo que morre de causas naturais não irá mover duas moscas mortas na balança da eternidade”. No que nos diz respeito, preferimos estar mortos a continuar na escravidão em que estamos. Uma vez que fazemos acordos, não estamos fazendo acordos apenas sobre a nossa liberdade, mas também com nossa humanidade. Percebemos que estamos lutando contra um país altamente tecnológico, e percebemos que eles não são apenas tigres de papel, como Mao diz, mas tigres reais, porque eles têm a capacidade de chacinar muitas pessoas. Mas a longo prazo, eles se mostrarão tigres de papel, porque não estão alinhados com a humanidade; eles estão divorciados do povo. Sabemos que nosso inimigo é muito poderoso e que nossa humanidade está em jogo, mas sentimos que é necessário sermos vitoriosos para nos reconquistar, reconquistar nossa humanidade. E esse é o ponto fundamental. Então, ou nós fazemos isso ou não teremos liberdade alguma. Ou vencemos ou vamos morrer tentando vencer.

The Movement: Como você caracterizaria o estado de espírito das pessoas negras na América hoje? Elas estão desencantadas, esperando uma fatia maior do bolo, ou excluídas, não querendo se integrar em uma casa em chamas, não querendo se integrar na Babilônia? O que você pensa que será preciso para que essas pessoas excluídas se tornem revolucionárias?

Huey P. Newton: Eu ia dizer desiludidas, mas não penso que em algum momento tivemos a ilusão de que tínhamos liberdade nesse país. Essa sociedade é definitivamente uma sociedade decadente e percebemos isso. As pessoas negras estão percebendo cada vez mais. Não podemos conquistar nossa liberdade no sistema atual; o sistema está executando seus planos de racismo institucionalizado. A sua questão é o que teremos que fazer para estimulá-las para a revolução. Eu penso que isso já está sendo feito. É uma questão de tempo para nós, agora, educá-las em relação a um programa

e mostrar a elas o caminho para a libertação. O Partido Pantera Negra é o farol, a luz que aponta para as pessoas negras o caminho para a libertação.

Vocês noticiam as insurreições que têm acontecido por todo o país, em Watts, Newark, Detroit. Elas foram, todas, respostas do povo exigindo que tenham a liberdade de determinar seu destino, rejeitando a exploração. Agora, o Partido Pantera Negra não pensa que as revoltas ou insurreições tradicionais que aconteceram sejam a resposta. É verdade que elas são contra a ordem, que elas foram contra a ordem e a opressão em suas comunidades, mas elas eram desorganizadas. No entanto, as pessoas negras aprenderam com cada uma dessas insurreições.

Elas aprenderam com Watts. Estou certo de que as pessoas em Detroit foram educadas pelo que aconteceu em Watts. Talvez essa tenha sido uma educação errada. Ela meio que errou o alvo. Não era bem a atividade correta, mas o povo foi educado pela ação. O povo de Detroit seguiu o exemplo do povo de Watts, eles só adicionaram um exame cuidadoso a ele. O povo de Detroit aprendeu que o caminho para causar danos à administração é fazer coquetéis molotov e ir às ruas em grande número. Então, isso foi um caso de aprendizado. A palavra de ordem era “Burn, baby, burn”. As pessoas foram educadas pela ação e ela se espalhou pelo país. As pessoas foram ensinadas a resistir, mas talvez de maneira incorreta.

O que temos que fazer como uma vanguarda da revolução é corrigir isso também pela ação. A grande maioria de pessoas negras são analfabetas ou semianalfabetas. Elas não leem. Elas precisam da ação para se guiar. E isso é verdade para qualquer povo colonizado. A mesma coisa aconteceu em Cuba, em que foi preciso que doze homens com a liderança de Che e Fidel fossem para as montanhas e então atacassem a administração corrupta; para atacar o exército que eram os protetores e exploradores de Cuba. Eles poderiam ter panfletado na comunidade e poderiam ter escrito livros, mas as pessoas não responderiam. Eles tiveram que agir e as pessoas puderam ver e ouvir sobre isso e assim se educaram sobre como responder à opressão.

Nesse país, os revolucionários negros têm que dar um exemplo. Não podemos fazer as mesmas coisas que foram

feitas em Cuba, porque Cuba é Cuba e os EUA são os EUA. Cuba tem muitos territórios para proteger a guerrilha. Esse país é fundamentalmente urbano. Temos que pensar em novas soluções para compensar o poder da tecnologia e da comunicação desse país; a sua habilidade de se comunicar muito rapidamente por telefones e telégrafos, e por aí vai. Temos soluções para esses problemas, e elas serão colocadas em uso. E não quero entrar nos detalhes disso, mas vamos educar pela ação. E temos que nos engajar na ação para fazer com que o povo leia nossa literatura. Porque ele não é de modo algum atraído pelas leituras nesse país; há leitura demais. Muitos livros deixam uma pessoa cansada.

The Movement: Kennedy, antes da sua morte, e em menor grau Rockefeller e Lindsay e outros liberais da ordem, têm falado de reformas para dar ao povo negro uma fatia maior do bolo e, com isso, parar qualquer movimento revolucionário em desenvolvimento. Gostaria de falar sobre isso?

Huey P. Newton: Eu diria o seguinte: se um Kennedy ou Lindsay ou qualquer outro pudesse dar moradias decentes para o nosso povo, se ele pudesse dar pleno emprego para o nosso povo com um alto padrão, se ele pudesse dar total controle ao povo negro para determinar o destino de sua comunidade, se ele pudesse dar julgamentos justos no sistema legal, entregando a estrutura para a comunidade, se ele pudesse dar um fim à exploração das pessoas por todo o mundo, se ele pudesse fazer todas essas coisas, então eles já teriam resolvido os problemas. Mas eu não acredito que no sistema atual, no capitalismo, eles não possam resolver esses problemas.

Eu não acho que as pessoas negras podem ser enganadas pelas suas falções, porque todos os que assumem um cargo prometem a mesma coisa. Eles prometem pleno emprego, moradias decentes, a “grande sociedade”, a “nova fronteira”. Todos esses nomes, mas nenhum ganho real. Nenhum efeito é sentido na comunidade negra, e as pessoas negras estão cansadas de se decepcionarem e serem enganadas. O povo deve ter o controle total dos meios de produção. Pequenos negócios negros não podem competir com a General Motors. Isso está fora de questão. A General Motors

nos roubou e explorou a troco de nada por séculos, pegou nosso dinheiro montou fábricas e se tornou gorda e rica, e então fala em nos dar algumas migalhas. Queremos controle total. Não estamos interessados em ninguém prometendo que os proprietários privados vão de repente se tornar seres humanos e dar essas coisas para nossa comunidade. Isso nunca aconteceu e, baseado em evidências empíricas, não esperamos que eles se tornem budistas da noite pro dia.

The Movement: Colocamos essa questão não porque pensamos que essas reformas são possíveis, mas para expor suas ideias sobre os efeitos que essas tentativas de reformas podem ter no desenvolvimento da luta revolucionária.

Huey P. Newton: Penso que as reformas não colocam nenhuma ameaça real. A revolução sempre esteve nas mãos dos jovens. Os jovens sempre herdaram a revolução. A população jovem está crescendo em um ritmo muito rápido e eles estão muito incomodados com as autoridades. Eles querem o controle. Duvido que no atual sistema possa ser lançado qualquer tipo de programa que consiga comprar todos esses jovens. Eles não conseguiram fazer isso com o programa para a pobreza, a “grande sociedade”, etc. Esse país nunca conseguiu empregar todo o seu povo simplesmente porque ele está interessado demais na propriedade privada e no lucro. Um programa maior para a maior é simplesmente o que eles dizem ser, um programa para manter as pessoas na pobreza. Então, não penso que exista uma ameaça real das reformas.

The Movement: Gostaria de dizer alguma coisa sobre a organização dos Panteras, especialmente em termos de juventude?

Huey P. Newton: Os Panteras representam uma seção transversal da comunidade negra. Temos pessoas mais velhas, assim como pessoas mais novas. As pessoas mais novas, é claro, são as que são vistas nas ruas. Elas são os ativistas. Elas são a verdadeira vanguarda da mudança, porque elas não foram doutrinadas ou não foram submetidas. Elas não foram forçadas a entrar na linha como algumas pessoas mais velhas foram. Mas muitas das pessoas mais velhas percebem que estamos travando uma luta justa con-

tra o opressor. Elas estão nos ajudando e estão assumindo uma parte no programa.

The Movement: Nos conte alguma coisa sobre as suas relações com os prisioneiros e as prisões.

Huey P. Newton: Os prisioneiros negros, assim como muitos prisioneiros brancos, se identificam com o programa dos Panteras. É claro que pela própria natureza das prisões, como prisioneiros eles podem ver a opressão e eles sofreram nas mãos da Gestapo. Eles reagiram contra isso. Os prisioneiros negros todos se uniram aos Panteras, mais ou menos 95% deles. Agora, a cadeia é toda de Panteras e a polícia está muito preocupada com isso. Os prisioneiros brancos podem se identificar conosco porque eles percebem que não estão no controle. Eles percebem que tem alguém que os controla e ao resto do mundo com armas. Eles querem algum controle sobre as suas vidas também. Os Panteras na prisão estão educando eles e então vamos construir uma revolução no interior das prisões.

The Movement: Qual foi o efeito dos atos fora da prisão exigindo “Libertem Huey”?

Huey P. Newton: Reações muito positivas. Em um ato, eu não lembro qual, um par de encarregados, encarregados brancos, levantou um cartaz na janela da lavanderia dizendo “Libertem Huey”. Eles dizem que as pessoas viram e responderam a isso. Eles ficaram muito entusiasmados com os manifestantes, porque eles também sofrem um tratamento injusto das autoridades da condicional e da polícia aqui na prisão.

The Movement: Os esforços organizativos dos Panteras têm sido bastante abertos até aqui. Gostaria de falar sobre a questão de uma organização política clandestina em oposição a uma organização aberta, nesse ponto da luta?

Huey P. Newton: Sim. Alguns dos grupos nacionalistas negros pensam que eles têm que ser clandestinos porque eles serão atacados. Mas não achamos que se possa romantizar a clandestinidade. Eles dizem que somos românticos porque tentamos viver vidas revolucionárias e não estamos tomando precauções. Mas dizemos que a única maneira de

nos tornarmos clandestinos é se nos obrigarem a nos tornarmos clandestinos. Todos os movimentos revolucionários reais são tornados clandestinos. Olhe a revolução em Cuba. A agitação que estava acontecendo enquanto Fidel estava na escola de Direito era bastante aberta. Até a sua existência nas montanhas era, por assim dizer, uma coisa aberta, porque ele estava deixando que se soubesse quem estava causando prejuízo e porque ele estava causando. Para pegá-lo foi uma outra história. A única maneira pela qual podemos educar o povo é dando um exemplo a eles. Pensamos que isso é muito necessário.

Esse é um período pré-revolucionário e pensamos que é muito necessário educar o povo enquanto podemos. Então, somos muito abertos sobre essa educação. Estamos sendo atacados e seremos ainda mais atacados no futuro, mas não vamos para a clandestinidade até que estejamos prontos para isso, porque temos uma mente própria. Não vamos deixar nenhuma outra força nos dizer o que fazer. Entraremos para a clandestinidade depois que educarmos todo o povo negro, e não antes disso. Então, não será mais realmente necessário para nós entrar na clandestinidade, porque você pode ver negros em todas as partes. Teremos justamente o suficiente para nos proteger e a estratégia para compensar o grande poder que os homens armados da ordem tem e que estão planejando usar contra nós.

The Movement: Seus comentários sobre os prisioneiros brancos pareceram encorajadores. Você vê a possibilidade de organizar um Partido Pantera Branco em oposição à ordem, possivelmente entre os brancos pobres e trabalhadores?

Huey P. Newton: Bem, como eu disse antes, o Poder Negro é o poder do povo, e quanto a organizar as pessoas brancas, damos às pessoas brancas o privilégio de ter uma mente e queremos que elas tenham um corpo. Elas podem organizar elas mesmas. Podemos dizer o que elas têm que fazer, qual é a sua responsabilidade se elas vão dizer que são revolucionários brancos desse país, e isso é se armar e apoiar as colônias em todo o mundo em sua luta justa contra o imperialismo. Mas qualquer coisa além disso, as pessoas brancas vão ter que fazer por si mesmas.

À REPÚBLICA DA NOVA ÁFRIKA

*Huey P. Newton**

Saudações à República da Nova África e ao Presidente Robert Williams. Estou muito contente de poder dar a vocês as boas-vindas. Devo acrescentar que este é o momento perfeito, e que precisamos muito de vocês. E agora que a consciência do povo está em um nível tão alto, talvez possamos aproveitar a sua liderança e também estar prontos para avançarmos no sentido revolucionário.

Algum tempo atrás, recebi uma mensagem da República da Nova África com uma série de perguntas a respeito da filosofia do Partido Pantera Negra, e perguntas muito detalhadas em certos pontos, sobre os nossos pensamentos a respeito dessas posições. Naquele momento eu não estava preparado para enviar uma mensagem de resposta. Tive que pensar sobre muitas questões, e por conta da situação foi muito difícil para mim me comunicar, o que explica esse lapso de tempo entre as perguntas e a resposta. Não poderei expor minhas posições sobre todas as questões, mas eu gostaria de dar algumas explicações gerais sobre a posição do Partido Pantera Negra em relação à República da Nova África.

A posição do Partido Pantera Negra é de que o povo negro no país é definitivamente colonizado e sofre do saque colonial mais do que qualquer outro grupo étnico no país,

* Publicado originalmente no jornal *The Black Panther*, em 6 de dezembro de 1969. Utilizamos para a tradução a versão em inglês publicada no livro *To Die for the People: The Writings of Huey P. Newton* (1972), com o título original "To the Republic of New Africa", págs. 96-100. A República da Nova África foi uma organização nacionalista negra radical, fundada em 1968, que tinha como objeto criar uma nação negra autodeterminada na região que englobaria os territórios da Louisiana, Mississippi, Alabama, Geórgia e Carolina do Sul, no sudeste dos EUA. Exigiam também reparação e indenização pela escravidão, leis de segregação racial e racismo institucionalizado. Teve entre seus membros proeminentes, além do presidente Robert Williams, a viúva de Malcolm X, Betty Shabazz.

talvez apenas com exceção dos indígenas, mas certamente tanto quanto a população indígena. Nós também percebemos que o povo americano em geral é colonizado. E que são colonizados simplesmente porque estão em uma sociedade capitalista, com um pequeno grupelho de dominantes que são os proprietários dos meios de produção e estão no controle da tomada de decisões, eles formam o corpo que toma as decisões. Isso rouba a liberdade do povo americano em geral, que simplesmente trabalha para o enriquecimento dessa classe dominante. No que diz respeito aos negros, é claro, eles estão na parte de baixo dessa escada, somos explorados não apenas por esse pequeno grupo dominante, mas somos oprimidos e reprimidos até mesmo pelos brancos trabalhadores nesse país. E isso acontece simplesmente porque a classe dominante, a classe dominante branca usa a velha política romana de dividir para conquistar. Em outras palavras, a classe trabalhadora branca é usada como peão ou ferramenta da classe dominante, mas ela também é escravizada. Então, é com essa perspectiva histórica de dividir para conquistar que a classe dominante pode manter a maioria do povo em uma posição oprimida de maneira efetiva e com sucesso; porque estamos divididos em certos grupos de interesses, ainda que esses interesses que os grupos das classes inferiores carreguem não sejam necessariamente benéficos para nós.

No que diz respeito à nossa posição quanto a separação, nós pedimos, como vocês sabem, um plebiscito supervisionado pela ONU para que os negros possam decidir se eles querem se separar da união ou qualquer outra posição que desejem. No que diz respeito ao Partido Pantera Negra, estamos submetidos à vontade da maioria do povo, mas pensamos que o povo deve ter essa escolha, e pensamos que a República da Nova África está perfeitamente justificada em exigir e declarar o direito de se separar da união. Então, não vemos contradição entre a posição do Partido Pantera Negra e a posição da República da Nova África até onde eu sei, é apenas uma questão do momento. Pensamos que certas condições têm que existir antes mesmo que nos seja dado o direito de fazer essa escolha. Também levamos em consideração o fato de que se os negros nesse mesmo minuto puderem se separar da união e ter, digamos, cinco estados ou

seis estados, seria impossível ter liberdade ao lado de um país capitalista e imperialista. Todos sabemos que a mãe África não é livre por causa do imperialismo, da dominação ocidental, e não há indicação de que seria diferente se tivéssemos em um país separado, aqui na América do Norte. De fato, logicamente sofreríamos com o imperialismo e o colonialismo ainda mais do que o Terceiro Mundo está sofrendo agora. Eles estão geograficamente melhor localizados, milhares de milhas distantes, mas ainda assim eles não podem se libertar simplesmente por conta do alto desenvolvimento tecnológico, que é o maior nível de desenvolvimento tecnológico que o Ocidente tem e que fazem o mundo muito menor, uma pequena vizinhança.

Então, levando essas coisas em consideração, concluímos que a única maneira pela qual podemos conquistar a liberdade é livrando a terra de uma vez por todas de toda a estrutura opressora da América. Sabemos que não podemos fazer isso sem a luta popular, sem muitas alianças e coalizões, e essa é a razão pela qual estamos nos movendo nesse sentido, de maneira que possamos conseguir tantas alianças quanto pudermos com pessoas que estão igualmente insatisfeitas com o sistema. E também estamos indo adiante, tentando seguir com a campanha de educação política, para que o povo esteja ciente das condições, e, portanto, talvez ele possa dar passos no sentido de controlar essas condições. Pensamos que essa é a coisa mais importante nesse momento; conseguir organizar para que de alguma maneira tenhamos uma formidável força para desafiar à estrutura do império americano. Então convidamos a República da Nova África a lutar conosco, porque sabemos, pelas pessoas com quem conversamos, May Mallory e outras pessoas que conhecem a filosofia da República da Nova África, que parecem estar muito conscientes da necessidade de que toda a estrutura da América tem que ser transformada para que o povo americano seja livre. E digo isto com pleno conhecimento de que o objetivo final da República da Nova África é a separação. Em outras palavras, não estamos, na verdade, lidando com essa questão no momento porque pensamos que para nós ela é de certo modo prematura, mas percebo o valor psicológico de lutar por um território. Nesse momento o Partido Pantera Negra pensa

que não queremos nos colocar numa encruzilhada, pois estaríamos mais isolados do que já estamos. Estamos isolados nas zonas do gueto, concentrados no Norte, nas áreas metropolitanas, nas zonas industriais, mas pensamos que este é um local muito bom no que diz respeito à estratégia de travar uma grande batalha contra a ordem estabelecida. E, mais uma vez, penso que seria perfeitamente justificado que os negros decidissem que querem se separar da união, mas penso que a questão deve ser colocada para as massas populares, para a maioria do povo. Então, isso estaria resu-
mido.

Como disse antes, não tenho a possibilidade de ter longas discussões por aqui, e espero conversar com Milton Henry num futuro próximo (se for possível, sei que ele está bastante ocupado no momento) ou com representantes da República da Nova África, para que possamos nos aprofundar sobre essas questões. Existem muitas coisas que não conheço sobre a posição da República da Nova África, coisas que eu ouvi, que li, e concordo totalmente com elas. Gostaria que a República da Nova África soubesse que apoiamos Robert Williams em sua situação difícil neste momento, que o apoiamos integralmente, e que queremos oferecer todos os auxílios que nos pedem; e gostaríamos de saber exatamente o que podemos fazer que poderia ser de maior ajuda nos procedimentos jurídicos que estão surgindo, que tipo de apoio moral poderíamos dar. Talvez possamos enviar alguns representantes, e publicaremos no nosso jornal, *The Black Panther*, artigos para informar ao povo sobre a posição de Robert Williams e das atividades criminosas que ele tem sido vítima nos últimos 8 ou 9 anos. Eu também gostaria de pedir à República da Nova África que nos desse algum apoio com Bobby Seale, nosso Presidente do Partido Pantera Negra. Bobby Seale está agora em uma prisão, como vocês sabem, em São Francisco, ele tem um processo acontecendo em Chicago e um em Connecticut, e convidamos a República da Nova África a dar o seu apoio. Gostaríamos muito disso e qualquer apoio moral que pudessem dar seriam bem-vindo.

Deveríamos trabalhar mais próximos do que temos feito, e talvez isso possa ser a pauta em que poderíamos trabalhar juntos, o problema dos presos políticos na América, pois

nosso povo de forma geral é a favor da libertação dos presos políticos. Esse pode ser um ponto de convergência em que todas as organizações e partidos revolucionários negros poderiam se reunir. Porque acredito sinceramente que algo positivo possa sair de cada ataque que o opressor nos faz. Ele educa, esclarece muitas pessoas a respeito de sua violência. Então, talvez, esse possa ser um ponto de virada para ambas as nossas organizações e partidos. Por fim, o que eu gostaria de dizer é: Todo Poder ao Povo! E mais poder ainda ao Presidente da República da Nova África, Robert Williams.

SOBRE A LIBERTAÇÃO GAY E FEMININA

*Huey P. Newton**

Ao longo dos anos mais recentes, fortes movimentos têm se desenvolvido entre mulheres e entre homossexuais, almejando sua libertação. Tem existido alguma incerteza sobre como lidar com esses movimentos.

Sejam quais forem suas opiniões pessoais e inseguranças sobre a homossexualidade e sobre os vários movimentos de libertação entre homossexuais e mulheres (e eu falo sobre os homossexuais e mulheres como grupos oprimidos), deveríamos tentar nos unir a eles de uma forma revolucionária.

Eu digo “sejam quais forem suas inseguranças” porque, como sabemos muito bem, algumas vezes nosso primeiro instinto é querer dar um soco na boca de um homossexual e querer que a mulher fique quieta. Nós queremos dar um soco na boca do homossexual porque temos receio de que nós sejamos homossexuais; e nós queremos bater na mulher, ou calá-la, porque temos a preocupação de que ela possa nos castrar ou tomar os colhões que podemos nem ter, para começar.

Devemos ter mais segurança em nós mesmos, e assim ter respeito e sentimentos para com todas as pessoas oprimidas. Não devemos ter um tipo de atitude racista, como a que os racistas brancos têm contra pessoas porque elas são pretas e pobres. Muitas vezes, a pessoa branca mais pobre é a mais racista, porque ela tem receio de que possa perder alguma coisa, ou descobrir alguma coisa que não tem; você representa algum tipo de ameaça para ela.

Esse tipo de psicologia é o que percebemos funcionando quando vemos pessoas oprimidas e temos raiva delas por

* Texto publicado no livro *The Huey P. Newton Reader* (2002), págs. 157-159, com o título original “The women’s liberation and gay liberation movements”, datado de 15 de agosto de 1970, com publicação original no jornal *The Black Panther*, v. 5, n. 8, agosto de 1970.

conta de seu tipo particular de comportamento, ou por seu tipo particular de desvio da norma estabelecida.

Lembrem-se, nós não estabelecemos um sistema de valores revolucionário; somente estamos no processo de estabelecê-lo. Eu não me lembro de termos jamais constituído um valor que afirme que um revolucionário deve dizer coisas ofensivas para homossexuais, ou que um revolucionário deve se certificar de que mulheres não falem sobre seu próprio tipo particular de opressão. Na verdade, é, exatamente o oposto: nós afirmamos que reconhecemos o direito das mulheres de serem livres. Nós não temos falado de forma nenhuma sobre os homossexuais, e devemos nos referir ao movimento homossexual porque é algo real. E eu sei, através da leitura e através da minha experiência de vida, das minhas observações, que aos homossexuais não são concedidas liberdade e autonomia por qualquer um na sociedade. Talvez eles sejam as pessoas mais oprimidas na sociedade.

E o que fez com que sejam homossexuais? Talvez seja todo um fenômeno que eu não compreendo inteiramente. Algumas pessoas dizem que é a decadência do capitalismo. Eu não sei se esse é o caso; duvido bastante disso. Mas, seja qual for o caso, sabemos que a homossexualidade é um fato que existe, e devemos entendê-lo em sua forma mais pura: isso é, uma pessoa deveria ter a liberdade de usar o seu corpo da forma que quiser. Isso não significa endossar coisas na homossexualidade que nós não veríamos como revolucionárias. Mas nada diz que um homossexual não pode ser também um revolucionário. E talvez eu esteja agora introduzindo algo do meu preconceito, ao afirmar que “mesmo um homossexual pode ser um revolucionário”. Muito pelo contrário, talvez um homossexual possa ser o mais revolucionário.

Quando temos conferências, convenções e manifestações revolucionárias, nelas deveria haver plena participação do movimento pela libertação gay e do movimento pela libertação das mulheres. Alguns grupos podem ser mais revolucionários do que outros. Nós não devemos usar as ações de uns poucos para dizer que são todos reacionários ou contrarrevolucionários, porque eles não são.

Nós devemos lidar com as facções exatamente como lidamos com qualquer outro grupo ou partido que afirma ser

revolucionário. Devemos tentar julgar, de algum modo, se eles estão operando de forma sincera, de uma forma revolucionária, desde a situação de uma opressão real. E admitamos que, se tratando de mulheres, elas são provavelmente oprimidas. Se fazem coisas que não são revolucionárias ou que são contrarrevolucionárias, então critiquemos aquela ação. Se sentimos que o grupo, em seu espírito, pretende ser revolucionário na prática, mas comete erros na interpretação da filosofia revolucionária, ou não compreende a dialética das forças sociais em operação, devemos criticar isso, e não os criticar porque são mulheres tentando ser livres. E o mesmo é verdadeiro para homossexuais. Não devemos nunca dizer que um movimento inteiro é desonesto, eles estão apenas cometendo erros honestos. Aos amigos é permitido cometer erros. Ao inimigo não é permitido cometer erros, porque toda a sua existência é um erro, e nós sofremos por isso. Mas a frente de libertação das mulheres e a frente de libertação gay são nossas amigas, são aliados em potencial, e nós precisamos de tantos aliados quanto for possível.

Nós devemos estar dispostos a discutir as inseguranças que muitas pessoas têm sobre a homossexualidade. Quando digo “inseguranças”, eu me refiro ao medo de que eles sejam algum tipo de ameaça à nossa masculinidade. Eu posso entender esse erro. Devido ao longo processo de condicionamento que constrói a insegurança no homem norte-americano, a homossexualidade pode produzir certas inibições em nós. Eu mesmo tenho inibições sobre a homossexualidade masculina. Por outro lado, eu não tenho nenhuma inibição sobre a homossexualidade feminina. E isso é um fenômeno em si mesmo. Penso que isso provavelmente ocorre porque a homossexualidade masculina é uma ameaça para mim, talvez, e as mulheres não são uma ameaça.

Devemos ser cuidadosos sobre o uso de termos que podem afastar nossos amigos. Os termos “veado” e “frouxo” devem ser apagados do nosso vocabulário, e nós especialmente, não devemos associar nomes normalmente designados para homossexuais a homens que são inimigos do povo, como Nixon ou Mitchell. Homossexuais não são inimigos do povo.

Nós devemos tentar formar uma coalizão para trabalhar com grupos de libertação gay e de libertação das mulheres. Devemos sempre operar com as forças sociais da maneira mais apropriada. E essa é realmente uma parte significativa da população, tanto mulheres quanto o crescente número de homossexuais, com quem temos de lidar.

TODO PODER AO POVO!

INTERCOMUNALISMO

*Huey P. Newton**

Nós, o Partido Pantera Negra, acreditamos que tudo está em constante estado de mudança, então usamos uma estrutura de pensamento que pode nos posicionar em relação ao processo de mudança. Isto é, nós acreditamos que as conclusões a que chegamos sempre vão mudar, mas que os fundamentos do método pelo qual chegamos a elas permanecerá constante. Nossa ideologia, portanto, é a parte mais importante de nosso pensamento.

Existem muitas ideologias ou escolas de pensamento diferentes, e todas elas começam com um conjunto pressupostos *a priori*. A humanidade ainda é limitada em seu conhecimento e tem dificuldade, nesse momento histórico, de falar sobre o princípio e o fim das coisas sem começar com premissas que ainda não podem ser provadas.

Isso é verdade em relação a ambas as escolas gerais de pensamento – a idealista e a materialista. Os idealistas baseiam seu pensamento em certas pressuposições sobre as coisas das quais eles têm muito pouco conhecimento; os materialistas gostam de pensar que estão em contato com a realidade, ou o mundo material, desconsiderando o fato de apenas assumirem que há um mundo material.

O Partido Pantera Negra escolheu pressupostos materialistas para sustentar sua ideologia. Supondo que é uma escolha puramente arbitrária. Que o idealismo pode ser verdadeiro; que podemos não estar aqui. Não sabemos realmente se estamos em Connecticut ou em São Francisco, ou se estamos sonhando ou em um estado de sonho, ou se estamos acordados. Talvez estejamos apenas em algum lugar no vazio; simplesmente não podemos ter certeza. Mas como

* Traduzido e revisado a partir do texto publicado no livro *Revolutionary Intercommunalism and the right of nations to self-determination* – Huey P. Newton e Vladimir Llych Lenin (Amy Gdala, 2004) e da versão publicada no livro *The Huey P. Newton Reader*.

os membros do Partido Pantera Negra são materialistas, acreditamos que algum dia os cientistas poderão oferecer informações que nos darão não apenas a evidência, mas a prova de que há um mundo material e de que a sua gênese foi material – movimento e matéria – e não espiritual.

Até esse momento, no entanto, e para os fins dessa discussão, peço apenas que concordemos na estipulação de que um mundo material existe e se desenvolve externa e independentemente de todos nós. Com essa elaboração, temos o fundamento para um diálogo inteligível. Pensamos que há um mundo material e que ele existe e se desenvolve de forma independente, e pensamos que o organismo humano, através de seu sistema sensorial, tem a habilidade de observar e analisar este mundo material.

O materialista dialético acredita que tudo o que existe tem contradições internas fundamentais. Por exemplo, os deuses africanos ao sul do Saara sempre tiveram pelo menos duas cabeças, uma para o bem e outra para o mal. Agora, as pessoas criam deus a sua própria imagem, criam o que elas pensam dele – porque deus é sempre um “ele” em sociedades patriarcais – e como ele é ou deve ser. Então, os africanos disseram, com efeito: sou tanto bom quanto mal, bem e mal são duas partes de uma coisa que sou eu. Este é um exemplo de uma contradição interna.

As sociedades ocidentais, por outro lado, dividiram o bem e o mal, colocando deus nos céus e o diabo lá embaixo, no inferno. O bem e o mal lutam pelo controle sobre as pessoas nas religiões ocidentais, mas eles são duas entidades completamente diferentes. Esse é um exemplo de uma contradição externa.

Essa luta entre tendências opostas mutuamente exclusivas no interior de todas as coisas que existem explica o fato observável de que todas as coisas têm movimento e estão em um estado constante de transformação. As coisas se transformam porque enquanto uma tendência ou força é dominante em relação a outra, a mudança é, apesar disso, uma constante e em algum ponto o equilíbrio irá se alterar e haverá um novo desenvolvimento qualitativo. Novas propriedades passarão a existir, qualidades que não existiam antes. Estas qualidades não podem ser analisadas sem compreender, em primeiro lugar, as forças em luta no interior

de cada objeto, e ainda assim as limitações e determinações dessas novas qualidades não podem ser definidas pelas forças que as criaram.

O conflito de classes se desenvolve pelos mesmos princípios que governam todos os outros fenômenos no mundo material. Em uma sociedade contemporânea, uma classe que controla a propriedade domina a classe que não controla a propriedade. Há uma classe de trabalhadores e uma classe de proprietários, e por isso há uma contradição básica nos interesses dessas duas classes, que estão constantemente lutando uma com a outra. Agora, como as coisas não permanecem as mesmas, podemos ter certeza de uma coisa: o proprietário não permanecerá proprietário e as pessoas que são dominadas não permanecerão dominadas. Não sabemos exatamente como isso vai acontecer, mas depois que analisamos todos os outros elementos da situação, podemos fazer algumas previsões. Podemos estar certos de que se aumentarmos a intensidade da luta, chegaremos a um ponto em que o equilíbrio de forças irá mudar e haverá um salto qualitativo para uma nova situação como um novo equilíbrio social. Eu digo “salto” porque sabemos pela experiência com o mundo físico que quando transformações desse tipo ocorrem, elas ocorrem com uma grande força.

Esses princípios do desenvolvimento dialético não apresentam uma “lei de ferro” que pode ser aplicada mecanicamente ao processo social. Existem exceções a essas leis de desenvolvimento e transformação, e é por isso que, como materialistas dialéticos, enfatizamos que temos que analisar cada conjunto de condições separadamente e fazer análises concretas das condições concretas em cada instância. Não se pode prever o resultado, mas pode-se ganhar perspectiva o suficiente para coordenar o processo.

O método dialético é essencialmente uma ideologia, mas ainda assim acreditamos que ele é superior a outras ideologias, porque ele nos coloca mais em contato com o que acreditamos ser o mundo real; ele aumenta nossa habilidade para lidar com esse mundo e moldar o seu desenvolvimento e mudança.

Vocês poderiam facilmente perguntar: “Bem, esse método pode ser aplicado com sucesso em uma instância parti-

cular, mas como vocês sabem que ele será infalível em todos os casos?”. A resposta é que não sabemos.

Não falamos em “todos os casos” ou em “guia infalível” porque tentamos não falar em termos tão absolutos e inclusivos. Apenas dizemos que temos que analisar cada instância, que descobrimos que esse método é o melhor disponível no decorrer de nossas análises, e que pensamos que esse método irá continuar a se mostrar assim no futuro. Nós às vezes temos um problema porque as pessoas não compreendem a ideologia que Marx e Engels começaram a desenvolver. As pessoas dizem: “Vocês dizem ser marxistas, mas vocês sabem que Marx era racista?”. Dizemos: “Bem, ele provavelmente era racista: ele fez uma declaração uma vez sobre o casamento de uma mulher branca e de um homem negro, e chamou o homem de gorila ou coisa assim. Os marxistas dizem que ele só estava brincando e que essa declaração mostrava a proximidade de Marx com o sujeito, mas isso obviamente é bobagem. Então, parece que Marx era racista.”

Se você é um marxista, então o racismo de Marx afeta o seu próprio julgamento, porque se você é um marxista então você é alguém que venera Marx e o pensamento de Marx. Lembrem-se, no entanto, que o próprio Marx disse “eu não sou um marxista”. Esses marxistas se preocupam com as conclusões às quais Marx chegou com seu método, mas eles jogam fora o próprio método – ficando em uma posição completamente estática. É por isso que a maior parte dos marxistas realmente são materialistas históricos: eles olham para o passado buscando respostas para o futuro, e isso não funciona.

Se você é um materialista dialético, no entanto, o racismo de Marx não importa. Você não acredita nas conclusões de uma pessoa, mas na validade de um modo de pensamento; e nós, no Partido, como materialistas dialéticos, reconhecemos Karl Marx como um dos grandes contribuidores para esse modo de pensamento. Se Marx era ou não racista é irrelevante e imaterial em relação à questão de se o método de pensamento que ele ajudou a desenvolver nos mostra verdades sobre os processos no mundo material ou não. E isso é verdadeiro em todas as disciplinas. Em cada disciplina, você encontra pessoas com visões distorcidas e

que estão em um nível baixo de consciência, e que, no entanto, tem lampejos de inspiração e produzem ideias que devem ser consideradas. Por exemplo, John B. Watson certa vez disse que seu passatempo favorito era caçar e enforçar negros, e ainda assim ele deu grandes passos adiante na investigação e na análise de “respostas condicionadas”.

Agora que falei alguma coisa sobre a ideologia do Partido, vou descrever a história do Partido e como mudamos nosso entendimento do mundo.

Quando começamos, em outubro de 1966, éramos o que se poderia chamar de nacionalistas negros. Percebemos as contradições na sociedade, a pressão sobre o povo negro em particular, e vimos que a maior parte das pessoas no passado resolveu alguns de seus problemas formando nações. Nós, portanto, dizíamos que era racional e lógico que nós acreditássemos que terminaríamos nossos sofrimentos quando estabelecêssemos uma nação própria, composta com nosso próprio povo.

Depois de um tempo, vimos que alguma coisa estava errada com essa resolução do problema. No passado, a nacionalidade era uma coisa relativamente fácil de conquistar. Se olharmos ao redor agora, no entanto, vemos que o mundo – o espaço de terra, as partes habitáveis como as conhecemos – está bastante povoado. Então, percebemos que para criar uma nova nação deveríamos nos tornar uma fração dominante nesta, e ainda assim o fato de que não tínhamos poder era a contradição que nos levava a buscar a nacionalidade em primeiro lugar. Era um círculo sem fim, vejam: para alcançar a nacionalidade, tínhamos que nos tornar uma força dominante, mas para nos tornarmos uma força dominante, precisávamos de uma nação.

Então, fizemos uma análise mais profunda e descobrimos que para que nós fôssemos uma força dominante, teriam pelo menos que ser numericamente grandes. Nós nos desenvolvemos de simples nacionalistas ou de nacionalistas separatistas para nacionalistas revolucionários. Dissemos que nos juntaríamos com todas as outras pessoas no mundo, lutando pela descolonização e pela autodeterminação, e chamamos a nós mesmos de uma “colônia dispersa” porque não tínhamos a concentração geográfica que as outras chamadas colônias tinham. Mas tínhamos comunidade

negras por todo o país – São Francisco, Los Angeles, New Haven – e há muitas semelhanças entre essas comunidades e o tipo de colônia tradicional. Também pensamos que se nos aliássemos às outras colônias nos tornaríamos um grande número e teríamos chances maiores, uma força maior; e é disso que precisávamos, claro, porque apenas a força fazia de nós um povo colonizado.

Vimos que não apenas era benéfico para nós que fôssemos nacionalistas revolucionários, como era benéfico expressar nossa solidariedade com aqueles irmãos que sofriam muitos dos mesmos tipos de opressão que nós sofríamos. Assim, mudamos nossas autodefinições. Dissemos que não éramos apenas nacionalistas revolucionários, ou seja, nacionalistas que querem mudanças revolucionárias como um todo, incluindo o sistema econômico que o opressor nos obriga a ter – mas que também éramos indivíduos profundamente preocupados com os outros povos do mundo e seus desejos por revolução. De maneira que para mostrar nossa solidariedade, decidimos nos chamar internacionalistas.

Originalmente, como eu disse, pensávamos que as pessoas poderiam resolver alguns de seus problemas construindo nações, mas essa conclusão mostrou uma lacuna em nossa compreensão do movimento dialético do mundo. Nosso erro foi assumir que as condições nas quais os povos se tornaram nações no passado ainda existem. Para ser uma nação, deve-se satisfazer certas condições essenciais, e se essas coisas não existem ou não podem ser criadas, então não é possível se tornar uma nação.

No passado, os Estados-nação eram normalmente habitados por povos de uma determinada origem étnica e religiosa. Eles eram divididos de outros povos seja por um corpo de água ou por um grande espaço terrestre desocupado. Essa separação natural dava à classe dominante da nação e ao povo em geral um certo grau de controle sobre os tipos de instituições políticas, econômicas e sociais que estabeleciam. Isso dava a eles um certo grau de controle sobre seu destino e seu território. Eles estavam seguros, pelo menos na medida em que não seriam atacados ou violados por outra nação à dez mil milhas de distância, simplesmente porque os meios para transportar tropas tão longe não exis-

tiam. Essa situação, no entanto, não poderia durar. A tecnologia se desenvolveu até que houve uma transformação qualitativa determinada nas relações no interior e entre as nações.

Sabemos que não se pode mudar uma parte do todo sem mudar o todo, e vice-versa. Enquanto a tecnologia se desenvolvia, houve um aumento nas capacidades militares e nos meios de transporte e comunicação, as nações começaram a controlar outros territórios, distantes dos seus. Normalmente, elas controlavam essas outras terras mandando administradores e colonos que iriam explorar o trabalho do povo ou recursos da terra – ou os dois. Esse é o fenômeno que conhecemos como colonialismo.

O domínio dos colonos sobre a terra controlada e o povo cresceu de tal modo que não era necessário nem mesmo que o colono estivesse presente para manter o sistema. Ele voltou para a casa. O povo estava tão integrado com o agressor que a sua terra não parecia mais uma colônia. Mas como a sua terra não se parecia também com uma nação livre, alguns teóricos decidiram chamar esses territórios de “neocolônias”. Argumentos relativos à sua definição precisa se desenvolveram. Elas são colônias ou não? E se não são, o que são? Os teóricos sabiam que alguma coisa havia acontecido, mas não sabiam o que era.

Usando o método da dialética materialista, nós no Partido Pantera Negra vimos que os Estados Unidos não eram mais uma nação. Eram uma outra coisa, não eram mais uma nação. Eles não apenas haviam expandido os seus limites territoriais, mas haviam expandido todas as suas formas controles também. Nós o chamamos de império. Bem, em uma época o mundo teve um império no qual as condições de dominação eram diferentes – o Império Romano. A diferença entre os impérios romano e americano é que as outras nações podiam existir externa e independentemente do Império Romano porque seus meios de exploração, conquista e controle eram todos relativamente limitados.

Mas quando dizemos “império” hoje, queremos dizer exatamente isso. Um império é um Estado-nação que se transformou em um poder que controla todas as terras e povos do mundo.

Pensamos que não existem mais colônias ou neocolônias. Se um povo é colonizado, deve ser possível para eles se descolonizarem e se tornarem o que eram antes. Mas o que acontece quando as matérias primas são extraídas e o trabalho é explorado em um território que cobre todo o planeta? Quando as riquezas de toda a Terra são dispendidas e usadas para alimentar uma máquina industrial gigantesca no território dos imperialistas? Então, o povo e a economia estão tão integrados ao império e ao imperialismo que é impossível “descolonizá-los” para retornar às condições de existência anteriores.

Se as colônias não podem se “descolonizar” e retornar a sua existência original como nações, então as nações não existem mais. Nem pensamos que elas voltarão a existir de novo. E uma vez que devem haver nações para que o nacionalismo revolucionário e o internacionalismo façam sentido, decidimos que nos chamaríamos por um nome novo.

Dizemos que hoje o mundo é uma coleção de comunidades dispersas. Uma comunidade é diferente de uma nação. Uma comunidade é uma pequena unidade com um conjunto completo de instituições que existe para servir a um pequeno grupo de pessoas. E dizemos, além disso, que a luta mundial é entre um pequeno círculo que administra e lucra com o império dos Estados Unidos, e os povos do mundo que querem determinar seus próprios destinos.

Chamamos essa situação de intercomunalismo. Estamos agora na era do intercomunalismo reacionário, em que um círculo dominante, um pequeno grupo de pessoas, controla todos os outros povos usando sua tecnologia.

Ao mesmo tempo, dizemos que essa tecnologia pode resolver a maior parte das contradições materiais com as quais as pessoas se deparam, que existem condições materiais que permitiriam que a população mundial desenvolvesse uma cultura que seja essencialmente humana, que desenvolvesse aquilo que permitiria que as pessoas resolvessem suas contradições de uma maneira que não levaria ao massacre coletivo de todos nós. O desenvolvimento de uma cultura desse tipo seria o intercomunalismo revolucionário.

Algumas comunidades começaram a fazer isso. Elas liberaram seus territórios e estabeleceram governos provisórios. Nós as reconhecemos e dizemos que esses governos

representam os povos da China, da Coreia do Norte, os povos nas zonas liberadas do Vietnã do Sul e o povo do Vietnã do Norte.

Acreditamos que os seus exemplos devem ser seguidos para que um dia não exista um intercomunalismo reacionário (o império) mas um intercomunalismo revolucionário. O povo do mundo deve tomar o poder do pequeno círculo dominante e expropriar os expropriadores, arrancá-los do seu trono e torna-los iguais, distribuindo os frutos de nosso trabalho, que nos foram negados, de maneira equitativa. Sabemos que a maquinaria para realizar essas tarefas existe e queremos acesso a ela.

O imperialismo estabeleceu as fundações para o comunismo mundial, e o próprio imperialismo cresceu até se tornar um intercomunalismo reacionário porque o mundo agora está integrado em uma comunidade. A revolução das comunicações, combinada com a dominação expansiva do império americano, criou uma “comunidade global”. Os povos de todas as culturas são sitiados pelas mesmas forças e têm acesso às mesmas tecnologias.

Só existem diferenças de grau entre o que está acontecendo aos negros aqui e o que está acontecendo a todos os povos do mundo, incluindo os africanos. As suas necessidades são as mesmas e a sua energia é a mesma. E as contradições de que eles sofrem só serão resolvidas quando o povo estabelecer um intercomunalismo revolucionário em que eles dividirão toda a riqueza que produzem e habitarão um mesmo mundo.

O cenário da história está montado para uma transformação deste tipo: as bases tecnológicas e administrativas para o socialismo existem. Quando as pessoas tomarem os meios de produção e as instituições sociais, então haverá um salto qualitativo e uma mudança na organização da sociedade. Irá levar algum tempo para resolver as contradições do racismo e de todo tipo de chauvinismo; mas como o povo irá controlar suas próprias instituições sociais, ele será livre para se recriar e para estabelecer o comunismo, um estado do desenvolvimento no qual os valores humanitários irão moldar as estruturas da sociedade. Nesse momento, o mundo estará pronto para um nível ainda maior do qual não podemos saber nada.

NOVA ANÁLISE SOBRE O CAPITALISMO NEGRO

*Huey P. Newton**

Este é um diálogo contínuo na nossa discussão sobre o novo impulso do Partido Pantera Negra, à medida que começamos a realizar as perspectivas que deram origem ao Partido. Quando cunhámos a expressão “Todo o Poder ao Povo”, tínhamos como objetivo enfatizar a palavra “Poder”, pois entendemos que o poder é o motor fundamental da humanidade. Mas é incorreto a busca do poder sobre o povo. Há centenas de anos que estamos sujeitos ao poder desumanizador da exploração e do racismo; e a comunidade negra também tem a sua própria vontade de poder. O que procuramos, contudo, não é poder sobre o povo, mas o poder de controlar o nosso próprio destino. Para nós, a verdadeira definição de poder não se dá em termos do número de pessoas que se pode controlar. Para nós, poder é a capacidade de, em primeiro lugar, definir fenômenos sociais, e, em segundo lugar, a capacidade de fazer com que estes fenômenos atuem da forma desejada.

Vemos então que o poder tem um duplo caráter e não podemos simplesmente identificar e definir os fenômenos sem agir sobre eles, pois isso faria de nós apenas “filósofos de poltronas”. Quando Bobby e eu deixamos o Merritt College para organizar os irmãos no bairro, fizemos porque os estudantes universitários estavam em demasiado conformados para apenas se sentarem e analisarem os fenômenos sem agir. O poder inclui a ação, pois assim podemos fazer com que os fenômenos se desenvolvam da forma que desejamos. Por outro lado, a ação sem pensamento e sem teoria também é incorreta, pois se as forças sociais em ação

* Traduzido a partir da versão em inglês publicada no livro *To Die for the People: The Writings of Huey P. Newton*, págs 101-108, datado de 5 de junho de 1971, com o título original “Black Capitalism Re-Analyzed I”.

na comunidade não forem corretamente analisadas e definidas, como se pode controlá-las de tal forma que atuem da forma desejada? Assim, o Partido Pantera Negra sempre fundiu teoria e prática, de modo a servir aos verdadeiros interesses da comunidade.

Ao fundir teoria e prática reconhecemos, ao mesmo tempo, que era necessário desenvolver uma teoria válida no tempo e queríamos desenvolver um sistema de pensamento que pudesse funcionar em qualquer lugar, por isso precisava de um nível de abstração. No entanto, a nossa teoria precisava se relacionar com uma análise concreta das condições concretas, para que nossas ações fossem relevantes e benéficas para o povo, assim como, fazer avançar seu pensamento no sentido da transformação de sua situação de exploração e opressão. Sempre fomos persistentes em desenvolver bem nossas práticas e teorias, mas nem sempre fomos bem sucedidos em levar isto até ao fim.

Quando o Partido Pantera Negra se deslocou para comunidade negra, tornámo-nos, durante algum tempo, revolucionários doutrinários. Uma das principais características de um revolucionário religioso é que ele despreza todos os que não atingiram o seu nível de consciência, ou o nível de consciência que pensa ter atingido, ao invés de atuar para levar o povo para esse nível. Desta forma, a doutrina revolucionária fica distante do povo; falhando em seu propósito na comunidade. Em vez de servir o povo como uma vanguarda, produz-se um tipo de herói.

Por vezes, os heróis envolvem-se em ações muito corajosas e frequentemente fazem grandes sacrifícios, até mesmo o sacrifício supremo, mas continuam estando isolados do povo. As ações corajosas e sacrifícios não conduzem o povo à um nível superior de consciência, nem produzem as necessárias mudanças fundamentais na nossa situação de exploração e opressão. Uma vanguarda, contudo, deve guiar o povo para níveis mais elevados de consciência e, dessa forma, estimulá-lo para que possa empreender ações efetivas para defender seus direitos e lutar contra aqueles que continuam nos oprimindo. Como já disse anteriormente, a revolução é um processo, sem um desfecho definido. Um verdadeiro revolucionário não deve apenas desenvolver ações corajosas, como também tentará fazer o

povo avançar para que transforme a sua situação. Ou seja, ao construir o poder do povo, o verdadeiro revolucionário ajuda a comunidade a definir os fenômenos sociais da forma desejada.

Portanto, como revolucionários, devemos reconhecer a diferença entre o que o povo pode fazer e o que ele vai fazer. Suas ações serão sempre coerentes com o seu nível geral de consciência e compreensão da situação. Quando elevamos sua consciência, o povo pode compreender plenamente o que de fato pode ser feito, e, portanto, avançar de forma corajosa diante da realidade posta. Isto é fundir a teoria com a prática.

O terceiro ponto do Programa de Dez Pontos do Partido Pantera Negra afirma: “Queremos o fim do roubo de nossa comunidade negra pelos capitalistas”. Esta era nossa posição em outubro de 1966 e continua sendo nossa posição hoje. Entendemos que o capitalismo não é a solução para os problemas que enfrentamos nas nossas comunidades. A exploração capitalista é a causa básica do nosso problema. O objetivo do Partido Pantera Negra é destruir o capitalismo nas nossas comunidades e nas comunidades oprimidas em todo o mundo.

Contudo, muitas pessoas têm oferecido para a comunidade negra o capitalismo como uma solução para os nossos problemas. Reconhecemos que na comunidade negra, de forma geral, não existe uma aversão completa ao conceito de capitalismo negro, mas isto não se deve ao fato de as pessoas gostarem do capitalismo, de forma alguma. A ideia de capitalismo negro para diversas pessoas significa o controle negro das instituições e da comunidade. O que podemos ver é que está característica é na verdade a semente da negação do capitalismo negro e do sistema capitalista em geral. O que devemos fazer então é avançar nas contradições positivas até que elas superem as negativas, e, portanto, transformem a situação.

No passado, o Partido Pantera Negra tomou uma posição contrarrevolucionária com uma condenação genérica do capitalismo negro. A nossa estratégia deveria ter sido analisar os elementos positivos e negativos deste fenômeno antes de fazer qualquer condenação. Mesmo reconhecendo, corretamente, que o capitalismo não é uma solução ou res-

posta, não fizemos uma análise verdadeiramente dialética da situação.

Nós reconhecemos que para trazer o nosso povo para um nível de consciência elevada, para que pudesse aproveitar seu tempo, seria necessário servir suas necessidades básicas através do desenvolvimento de programas para ajudá-lo em sua sobrevivência diária. Durante muito tempo tivemos programas não apenas para a sobrevivência, mas também para a organização. Agora, temos não só um programa de café da manhã para crianças em idade escolar, mas também programas de vestuário, clínicas de saúde que prestam serviços médicos e dentários gratuitos, temos programas para os prisioneiros e suas famílias, e estamos abrindo fábricas de roupas e calçados para produzir e fornecer a comunidade. Mais recentemente, demos início a um programa de pesquisas e testes sobre a anemia falciforme; sabemos que 98% das vítimas são negras e deixar de combater esta doença é nos submeter ao genocídio; nossa batalha é por sobrevivência.

Todos estes programas satisfazem as necessidades mais básicas da comunidade, mas não são soluções para os nossos problemas. É por isso que nós os chamamos de programas de sobrevivência, no sentido da sobrevivência até a revolução. Nós dizemos que o programa de sobrevivência do Partido Pantera Negra é como o kit de sobrevivência de um marinheiro preso em uma jangada, ele ajuda-o a manter-se até que ele possa se livrar completamente dessa situação. Assim, os programas de sobrevivência não são soluções, mas eles vão nos ajudar a organizar a comunidade em torno de uma verdadeira visão e compreensão da situação que vivemos. Quando a consciência e a compreensão são elevadas, a comunidade vai conseguir aproveitar o tempo e poder livrar-se da bota dos seus opressores.

Todos os nossos programas de sobrevivência são gratuitos. Nós nunca cobramos um centavo da comunidade para receber as coisas que precisam de qualquer um dos nossos programas e não vamos fazê-lo. Nós não fazemos um monte de perguntas embaraçosas ou pedimos papeladas das pessoas. Se elas têm uma necessidade, nós servimos as suas necessidades e tentamos levá-las a compreender as verdadeiras razões pelas quais vivem essas necessidades em uma

terra tão incrivelmente rica. Os programas de sobrevivência funcionarão sempre sem custos para aqueles que precisam e se beneficiam deles.

Para realizar tais programas, sempre precisamos de dinheiro. No passado, recebemos dinheiro de filantropos brancos ricos, humanitários ou herdeiros dos monopólios corporativos. Ao mesmo tempo, estávamos condenando genericamente os pequenos comerciantes negros, também vítimas, que se encontravam nas nossas comunidades. Esta tática estava errada, uma vez que recebemos dinheiro para os nossos programas de sobrevivência de grandes capitalistas brancos, e devemos admitir isso abertamente.

Quando dizemos que vemos no capitalismo negro as sementes da sua própria negação e a negação de todo o capitalismo, reconhecemos que o pequeno capitalista negro nas nossas comunidades tem um potencial de contribuir para a construção da estrutura que servirá aos verdadeiros interesses do povo para pôr fim a toda exploração. Ao considerar os elementos positivos do capitalista negro podemos ser capazes de produzir uma solução não antagônica da sua contradição com a comunidade, ao mesmo tempo em que acentuamos a contradição entre a comunidade oprimida e o grande império capitalista-empresarial. Intensificando as contradições e o antagonismo entre a comunidade oprimida e o império, a consequência será a transformação e destruição violenta do império capitalista. Faremos isso através dos nossos programas de sobrevivência porque carregam no coração o interesse da comunidade.

Agora enxergamos o capitalista negro com uma relação semelhante com a comunidade negra que tem as burguesias nacionais (ou nativas) com os povos nas guerras nacionais de descolonização. Nas guerras anticoloniais, a burguesia nacional apoia a luta pela liberdade do povo porque reconhece seus próprios interesses egoístas no processo. Depois, quando o explorador estrangeiro é expulso, a burguesia nacional toma o seu lugar para dar continuidade ao sistema de exploração. No entanto, a burguesia nacional, mesmo também sendo composta por exploradores, é um grupo social mais fraco.

Uma vez que o povo vê o capitalismo negro na comunidade como uma forma de controlar as instituições locais,

esta é uma característica positiva, pois o povo pode orientar o foco das atividades do capitalista. Ao mesmo tempo, o capitalista negro tem de assumir os interesses da comunidade e responder às necessidades do povo, porque é na comunidade onde reside a sua verdadeira força. No que diz respeito ao capitalismo em geral, o capitalista negro é apenas uma vítima, porque depende dos grandes capitalistas brancos que podem fazer os empréstimos e exercer o controle de fato do capitalista negro. Se quiser ter sucesso no seu empreendimento, o capitalista negro deve dar suporte à comunidade porque é dela que depende para obter seus lucros. Precisa de um forte apoio da comunidade porque assim pode se tornar mais independente dos capitalistas que controlam os grandes monopólios.

O capitalista negro poderá apoiar o povo, contribuindo com os programas de sobrevivência do Partido Pantera Negra. Ao contribuir para tais programas, será capaz de ajudar a construir o meio pelo qual poderemos libertar a comunidade negra. Isso não será capaz de libertar o povo e resolver seus problemas, mas deve ajudar a construir uma poderosa ferramenta política que servirá como vanguarda revolucionária e guiará o povo em seu movimento em direção à libertação.

Nossa nova análise do capitalismo negro e da sua relação com a comunidade a partir da perspectiva do materialismo dialético, nossa compreensão prática das necessidades da comunidade e a forma com que o povo lida com o capitalismo negro, nos conduz também para uma nova posição. As empresas negras que assumem os interesses da comunidade poderão contribuir para o povo através dos programas comunitários do Partido Pantera Negra. Estes programas ajudarão a comunidade a sobreviver e assim enfrentar o genocídio, que é uma ameaça permanente à nossa existência.

Em troca destas contribuições, o Partido Pantera Negra deve fazer anúncios destes negócios no nosso jornal e clamar a comunidade para apoiá-los. Nunca venderemos espaço publicitário no jornal, mas daremos espaço em troca de contribuições para os programas de sobrevivência, que são gratuitos para a comunidade. Desta forma, conseguiremos uma maior unidade entre as vítimas nas comunidades,

pois o povo é vítima da sociedade capitalista em geral, e os capitalistas negros são vítimas dos monopólios capitalistas empresariais. Desta forma, aumentaremos os elementos positivos do capitalismo negro até superar os elementos negativos, para que a exploração deixe de ser a realidade contra a qual lutamos.

A comunidade verá aqueles que apoiam a sua sobrevivência patrocinando seus negócios locais, e, ao mesmo tempo, também boicotará aqueles que se recusam a participar dos programas de sobrevivência, dando-lhe as costas. Se as corporações atacarem duramente os comerciantes que apoiam os programas de sobrevivência, então a comunidade reconhecerá isto como uma forma de opressão, se movendo para defender fortemente quem a apoia. Desta forma, a consciência do povo e o nível da luta avançarão.

Não há salvação no capitalismo, mas através desta nova abordagem o capitalista negro contribuirá para a sua própria negação, ajudando a construir uma poderosa ferramenta política guiada por conceitos revolucionários e que serve de vanguarda para o povo. De certo modo, a nossa nova posição tem a simplicidade de uma fórmula matemática. Quando o capitalista negro apoia os programas de sobrevivência e faz uma contribuição para a comunidade, a comunidade lhe dá seu apoio e assim fortalece o seu negócio. Se ele não contribuir para a sobrevivência da comunidade, o povo não apoiará sua empresa, que definhará devido à sua própria negligência. Ao apoiar a comunidade, porém, estará ajudando a construir a estrutura política para acabar com a exploração da comunidade, mas também a sua exploração pelos empresários capitalistas.

Assim, acentuaremos a contradição entre a comunidade negra e o capitalismo, reduzindo ao mesmo tempo a contradição entre o capitalista negro e a comunidade negra. Desta forma, o capitalismo negro será transformado, passando de uma relação de exploração com a comunidade para uma relação de serviço à comunidade, o que contribuirá para a sobrevivência de todos.

UNIDADE CONTRA O INIMIGO COMUM

*Huey P. Newton**

O que o Partido Pantera Negra quer dizer quando afirmamos que somos intercomunalistas revolucionários? Em poucas palavras, acreditamos que os povos do mundo formam um conjunto de comunidades, todas dominadas ou controladas, direta ou indiretamente, pelos Estados Unidos, por aqueles poucos que governam os Estados Unidos. A definição mais comum para uma nação (em oposição a uma comunidade) é um grupo de seres humanos que têm em comum sua própria terra ou território, sistema econômico, cultura (ou modo de vida cotidiana), idioma, etc. Ao mesmo tempo, homens de uma nação saíam e conquistariam, por meio da guerra, outras nações. Os conquistadores colocariam sob seu controle os recursos, o povo e tudo o que fosse soberano ou sagrado para a outra nação. Isso resultaria em uma variedade de coisas: um governo da nação conquistadora poderia ser estabelecido no território da nação conquistada; a língua do reino poderia ser imposta ao povo; o nome da nação poderia ser mudado; ou o mais importante, a economia da nação conquistada seria totalmente controlada pelos conquistadores.

Às vezes, uma nação é muito pequena; às vezes, muito grande. Mas, desta forma, por meio dessas guerras, as pessoas da Terra, por um longo período de tempo, foram divididas de acordo com as fronteiras "nacionais", de maneiras variadas em diferentes épocas da história. Essas guerras de conquista mudaram os mapas mundiais. Às vezes, alguém olhava para uma determinada área e ela poderia ter um nome ou linha de limite diferente, dependendo da data do mapa (e às vezes, de quem o elaborou). Podemos nos lembrar de termos como Império Romano, Império Otomano,

* Texto publicado no livro *The Huey P. Newton Reader* (2002), págs. 234-240, com o título original "Uniting Against a Common Enemy" e datado de 23 de outubro de 1971.

Império Bizantino. Podemos nos lembrar de Colombo “descobrimo” a América (ou, como ele pensava, a Índia); e certamente algumas mudanças de soberania nacional foram feitas desde então.

Hoje, as coisas são diferentes. Toda a Terra é conhecida pelo homem. As duas guerras mundiais do século XX complicaram ainda mais as coisas no que diz respeito à questão nacional. A tecnologia é tão avançada que lugares sobre os quais só tínhamos ouvido falar no passado são imediatamente acessíveis pessoalmente. Hoje, uma pessoa pode viajar completamente ao redor do mundo em menos de um dia. Se juntarmos todos esses fatos passados e presentes com outras informações, o mundo começa a parecer um pouco diferente. O que mais precisamos lembrar é que, na área de tecnologia, os Estados Unidos são o país mais avançado; que é um território tão grande quanto a China, contendo dentro de seus limites quase 1/4 de toda a população da Terra não pode reivindicar sua própria antiga província, Taiwan, ou participar de uma organização supostamente representativa de todas as “nações” do mundo, as Nações Unidas; que a maioria dos antigos impérios, como França, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha, perderam suas antigas propriedades (os franceses foram expulsos do Vietnã e da Argélia; os britânicos, da Índia; os alemães, da Rússia e da Polônia; os italianos, da Etiópia, etc.). A questão é que apenas um país permanece como fortaleza soberana, dominando e ameaçando a soberania de todos os outros povos e terras - é o Império dos Estados Unidos. Nenhum povo, nenhuma terra, nenhuma cultura, nenhuma economia nacional está a salvo do longo braço do último império remanescente.

A situação é a seguinte: um povo só pode olhar para trás, para a história, para realmente falar de sua nação. Chamamos essas antigas nações de comunidades. Todos esses territórios existem sob a ameaça de serem conquistados ou, de fato, fazerem parte do Império dos Estados Unidos. Alguns dos territórios são liberados, como a China, as metades do norte da Coreia e do Vietnã, ou a Albânia. Mas as armas de conquista, as armas de guerra produzidas pela tecnologia moderna, estão nas mãos dos Estados Unidos. Nem mesmo um território libertado pode reivindicar o controle soberana-

no de sua terra, economia ou povo com isso pairando sobre sua cabeça.

Nós, negros nos Estados Unidos, sempre vivemos sob esta ameaça em nossas comunidades dentro dos Estados Unidos. O controle do governo dos Estados Unidos sobre nossas comunidades não é difícil de entender. Para a maioria de nós, é difícil imaginar nossas vidas sem tal dominação. Nunca controlamos uma terra que fosse nossa. Nunca controlamos nossa economia. Conhecemos uma cultura, a da escravidão. Conhecemos uma língua, a dos senhores de escravos. Nossa soberania não foi violada, pois nós, negros dos Estados Unidos, nunca fomos uma nação soberana. É verdade que fomos sequestrados da costa africana. O fato atual é que não podemos pedir aos nossos avós que nos ensinem alguma língua “nativa”, ou a dançar, ou mesmo, apontar nossa “pátria” em um mapa. Certamente, não somos cidadãos dos Estados Unidos. Nossas esperanças de liberdade estão, então, no futuro, um futuro que pode conter uma eliminação positiva das fronteiras e laços nacionais; um futuro do mundo, onde uma sociedade humana global pode ser estruturada de forma a beneficiar todos os povos da terra, e não pessoas.

Para alcançar esse objetivo, lutamos aqui dentro dos Estados Unidos para nos livrar de nossa opressão. Outros lutam dentro de suas fronteiras territoriais para se livrar da opressão. Quanto mais território libertarmos no mundo, mais perto estaremos do fim de toda opressão. O fator comum que nos une a todos não é apenas o fato da opressão, mas o opressor: o governo dos Estados Unidos e seu círculo dominante. Nós, os povos do mundo, fomos reunidos em circunstâncias estranhas. Estamos unidos contra um inimigo comum. Hoje, a filosofia do intercomunalismo revolucionário nos ensina que os programas de sobrevivência implementados por e com as pessoas aqui na América e os mesmos programas de sobrevivência popular que estão sendo implementados em Moçambique pela Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) são essenciais para trazer a unidade mundial, da África à comunidade negra dentro da América, desenvolvendo-se e unindo-se contra um inimigo comum. Esse inimigo reuniu em sua grande mão o poder do mundo. Se nos livrarmos desse inimigo em

uma luta comum e unificada, será fácil transformar essa unidade em um esquema comum de coisas. Não reconhecemos as nações separadas pelos homens para reproduzir o mesmo padrão de luta entre nações. Somos um grande grupo de comunidades que podem se unir e lutar juntas contra nosso inimigo comum. O domínio dos Estados Unidos sobre todos os nossos territórios equivale a um conjunto reacionário de circunstâncias em nossas comunidades, em oposição aos interesses de todos: o Intercomunismo Reacionário. Podemos transformar todas essas circunstâncias em benéficas para nós: o Intercomunismo Revolucionário.

No continente africano existem pessoas que se parecem conosco. Elas são Negras. Somos irmãos porque nossa luta é comum. Ambos sofremos sob o racismo branco e vivemos sob a opressão. É por isso que não devemos permitir que os reacionários do mundo sejam os únicos se comunicando através das águas e das terras. Temos um interesse comum a defender, portanto, podemos aprender uns com os outros. O que acontece aqui afeta nossos irmãos na África; o que acontece na África nos afeta. Os Estados Unidos cuidaram disso. Mas isso é positivo. Podemos aprender a lutar juntos, embora distantes.

Existe um lugar na África chamado Moçambique. Encontra-se na costa oriental da África, na porção sul do continente. É uma terra rica, como a maioria na África. Em 1498 (seis anos após a famosa “descoberta” de Colombo), o invasor português (se você se lembra, seus livros do ensino fundamental o consideram um “desbravador”) Vasco da Gama violou as costas de Moçambique. O resto das tropas desembarcou sete anos depois, em 1505. A partir daí os portugueses dominaram a economia, a vida e a cultura do povo moçambicano. A língua nacional deles tornou-se, e ainda é, o português. Até hoje, os portugueses reivindicam Moçambique, referindo-se a Moçambique “portuguesa”.

É claro que nossos irmãos e irmãs em Moçambique não estão em acordo com isso. Moçambique é a sua casa. Eles não são os invasores. Claro, o povo moçambicano tem feito muitas tentativas ao longo de sua longa história de opressão colonial portuguesa para se livrar de suas correntes. No entanto, a luta mais poderosa e bem-sucedida está sendo

travada atualmente sob a orientação da organização revolucionária FRELIMO. O povo apoia a FRELIMO, pois a FRELIMO é do povo e está organizando a luta com os verdadeiros interesses de todo o povo. Este grande trabalho começou realmente quando a FRELIMO foi organizada em 1962, principalmente através dos esforços do Dr. Eduardo Mondlane. Em 1964, o primeiro ataque aos portugueses foi lançado pelas forças da FRELIMO, já então organizadas e treinadas. Desde então, a luta armada tem sido travada heroicamente pelo povo moçambicano sob a liderança da FRELIMO. Isto resultou na libertação de três áreas principais: província de Tete, província de Niassa e planalto de Mueda. É ridículo o fato de os portugueses negarem isso. Eles negam a realidade de que eventualmente serão expulsos de Moçambique, como os Estados Unidos no Vietnã ou em nossas comunidades Negras e outras comunidades oprimidas. O primeiro-ministro português Marcello Caetano, que substituiu o ditador fascista Salazar, e o seu governador-geral "oficial" em Moçambique, Eduardo de Oliveira, têm negado constantemente que as suas tropas estejam sendo destruídas e os seus aviões abatidos.

Caetano nega que a adesão à FRELIMO seja mais de 10.000 combatentes; que 1/4 de Moçambique é território libertado e essas zonas libertadas têm uma população de um milhão de pessoas (de uma população total de nove milhões). Ele deseja negar o fato de que as pessoas estão lutando e conquistando sua liberdade. Nossos irmãos em Moçambique sabem o contrário. Quando estive na China no início deste mês, tive a oportunidade de receber e posteriormente relatar ao povo em primeira mão informações precisas. Encontrei-me com o presidente da FRELIMO, camarada Samora Moisés Machel, ex-chefe do exército. O Presidente Machel deu uma imagem clara: não apenas três áreas principais foram libertadas, mas a FRELIMO estabeleceu mais de 200 escolas primárias, hospitais e outros programas para servir os interesses e as necessidades das pessoas. Recentemente, em 1968, todo um destacamento de mulheres lutadoras foi formado. Foi nessa época que, embora negasse suas perdas, o governo racista e fascista português apelou aos seus velhos amigos para ajudarem a destruir essa luta. Nos últimos dois anos, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a

França e a Alemanha desempenharam um papel abertamente ativo na tentativa de destruir a luta do povo pela libertação. Os Estados Unidos, é claro, “ajudam” mais, fornecendo aviões Boeing 707 para bombardear as pessoas com napalm e qualquer material destruidor de vidas que os Estados Unidos possam produzir. O Presidente Machel disse-nos que só em 1970 mais de 128.000 soldados das forças aliadas atacaram, e 63.000 toneladas de bombas caíram violentamente sobre o povo. No entanto, o Presidente Machel disse: “Destruímos os soldados e abatemos os aviões”.

Esses sucessos certamente não foram fáceis. Por dentro e por fora, o povo moçambicano sofreu. Depois de orientar a FRELIMO durante quase sete anos, Eduardo Mondlane foi assassinado pelo inimigo. Em fevereiro de 1969, enquanto estava em sua casa, na Tanzânia, ele abriu uma caixa que fazia parte de sua correspondência matinal. Ao abrir a caixa, uma bomba explodiu em seu rosto e o matou. Naturalmente, os portugueses usaram este assassinato para tentar enganar o povo. Pouco depois, o governo de Caetano emitiu declarações de que uma “facção de esquerda” da FRELIMO tinha assassinado o seu líder.

Como é familiar, ou já deveria ser para nós, os portugueses tentaram instalar o seu próprio “homem” para liderar a FRELIMO. Eles tentaram empurrar um moçambicano nativo, Lázaro Kavandame, popular entre o povo como o líder da grande tribo Makonde (200.000 habitantes), para a liderança da FRELIMO. Como laçao de Portugal, Kavandame começou a emitir declarações como: "Ouçam-me bem. Não deve haver um único chefe Makonde enviando soldados para a guerra". Ele estava dizendo ao povo para não lutar pelo que era deles. Além disso, o ex-vice-presidente da FRELIMO, Uriah Simango, estava pressionando para assumir o controle. Ambos foram eventualmente derrotados.

Hoje, a FRELIMO, sob a sábia liderança do Presidente Machel, está guiando o povo de Moçambique para uma vitória maior e final. Mas hoje, naturalmente, os ataques das forças aliadas dos Estados Unidos, Portugal, Alemanha, França e Grã-Bretanha são ainda mais ferozes: bombardeios constantes e muitos ataques terrestres acontecem. No entanto, há um plano mais intrincado, e, em última instância mais perverso, sendo encabeçado principalmente pelos

Estados Unidos. Eles planejam construir, para os portugueses, uma grande barragem hidrelétrica. O local da barragem fica na província libertada de Tete, em Cabora Bassa, ao longo do rio Zambeze, na fronteira com a racista Rodésia. O seu propósito é não só dar ajuda financeira ao empobrecido Portugal, mas ser usado como peça-chave numa conspiração com a África do Sul para lançar uma ofensiva política, diplomática e militar sobre toda a África. Um nome familiar para nós é General Electric. A General Electric Company gastou milhões para ajudar na construção da barragem de Cabora Bassa. Ao todo, os Estados Unidos e outros países concordaram em investir 500 milhões de dólares na barragem, que é capaz de produzir 18,4 bilhões de quilowatts de eletricidade. Além disso, em relação a esta barragem de Cabora Bassa, o falecido presidente da FRELIMO, Mondlane, disse uma vez, “dizem que vai permitir-lhes estabelecer um milhão de brancos em Moçambique dentro de 10 anos, para formar uma grande barreira branca na África Austral”.

Se acreditamos que somos irmãos do povo moçambicano, como podemos ajudar? Eles precisam de armas e outras ajudas materiais. Não temos armas para enviar. Não temos dinheiro para materiais. Então, como podemos ajudar? Ou como eles podem ajudar em nossa luta? Eles não podem lutar por nós. Não podemos lutar no lugar deles. Cada um de nós pode restringir o território que nosso opressor comum ocupa. Podemos nos libertar, aprendendo e ensinando uns aos outros ao longo do caminho. Mas a luta é uma, pois o inimigo é o mesmo. Eventualmente, nós e nossos irmãos em Moçambique, em toda a África, em todo o mundo, podemos discutir um mundo sem fronteiras ou barreiras nacionais. Teremos uma cultura humana, uma linguagem humana, a terra será todo o nosso território, servindo a todos os nossos interesses; servindo aos interesses de todos os povos.

CAMARADA CAÍDO: ELOGIO A GEORGE JACKSON

*Huey P. Newton**

George Jackson tinha genialidade. A genialidade já é algo bastante raro, e deve ser guardada com carinho, ainda mais quando a genialidade é combinada em um homem negro com visão e paixão revolucionária, o *establishment* irá acabar com ele. O camarada Jackson compreendeu isso. Ele sabia que seus dias estavam contados e estava preparado para morrer como um verdadeiro adepto do suicídio revolucionário. Por 11 anos, insistiu em permanecer livre em um brutal sistema prisional. Por todo o tempo que passou lá, resistiu às autoridades e encorajou seus irmãos na prisão a se juntarem a ele. O Estado retaliou: a liberdade condicional era continuamente rejeitada; a solitária foi imposta a ele por 7 anos; as ameaças à sua vida eram frequentes – de guardas, de presos que chamavam a si mesmos de “ajudantes de Hitler”, de “golpes de faca e picareta de porcos sádicos e sem rostos”. E finalmente eles o assassinaram.

Nos meses anteriores à sua morte, tudo começou a ficar perto do fim. Ele era um dos poucos prisioneiros que estava algemado e fortemente protegido em suas raras idas à sala de visitas. Tentativas contra sua vida se tornaram quase diárias. Mas ele nunca desistiu ou retrocedeu. A prisão foi a dura prova que moldou seu espírito, e George frequentemente usava as palavras de Ho Chi Minh para descrever a sua resistência: “a calamidade me endureceu e transformou minha mente em aço”.

Eu o conhecia como um irmão. Antes, eu o conhecia apenas espiritualmente, por seus escritos e seu número no sistema prisional, quando eu estava na Colônia Penal e ele es-

* Texto publicado no livro *The Huey P. Newton Reader* (2002), págs. 241-247, com o título original “Fallen comrade: eulogy for George Jackson”, em setembro de 1971.

tava em Soledad. Então, não muito depois de minha chegada, recebi, pelas videiras da prisão, um pedido de George para entrar no Partido Pantera Negra. Foi prontamente aceito. George se tornou membro do Exército Popular Revolucionário, com o posto de General e Marechal. Nos próximos três anos estávamos em constante comunicação através de mensagens levadas por amigos, advogados e presos transferidos de uma prisão para outra. Apesar das restrições do sistema prisional, conseguimos transmitir nossas mensagens em papel e fitas. Entre as contribuições de George para o Partido estão artigos que escreveu para o jornal *The Black Panther*, que aprofundou a nossa teoria revolucionária e deu inspiração a todos os irmãos. Em fevereiro de 1971, eu recebi esta carta dele:

Camarada Huey,

As coisas estão tranquilas aqui agora, esta noite temos disciplina e harmonia, amanhã todos poderão se separar novamente – mas esses somos nós. Eu tenho dois artigos que gostaria que fossem inseridos no jornal, um em seguida do outro na semana seguinte. O primeiro sobre a Angela. Depois, se você aprovar, eu gostaria de contribuir com algo para o jornal toda semana ou quando tivesse espaço para mim.

Caso sim, me deixe saber se há alguma área em particular que você gostaria que eu cobrisse (comentário sobre). Então eu comento como observador ou participante?

Um pedido – por favor não deixe ninguém apagar as coisas que eu disser ou alterá-las, eu não preciso de um editor, a não ser que o que eu disser não represente a linha do Partido, não deixe ninguém mudar uma palavra. Quando eu cometer um erro ideológico, claro, corrija para se encaixar na posição do Partido. E não deixe ninguém encurtar ou condensar; se algo for muito longo, coloque como parte um e parte dois.

Se você quiser me usar para dizer coisas desagradáveis sobre aqueles que merecem, pode ser melhor para mim comentar como um observador, dessa forma menos contradições entre você e as pessoas que você pode ter que trabalhar.

Você disse que eu e você tivemos um “mal-entendido” uma vez, mas que foi resolvido. Quando foi que isso ocorreu? Tome muito cuidado com mensagens ou qualquer palavra que supostamente vieram de mim. Eu realmente não me lembro de nenhum mal-entendido. As pessoas mentem por muitas razões. Tente memorizar minha grafia, é assim que todas as mensagens virão no futuro (se tivermos um futuro).

Você sabia que Angela e eu fomos casados um tempo atrás? E eu quase a levei completamente para nosso campo, pouco antes de Eldridge fazer aquela declaração?

Eu fui tão bem que na verdade o PC (Partido Comunista) tentou cortar nossos contatos, atacou minha sanidade com cochichos e olhares ao conversar com ela, e cortaram a minha assinatura paga por seus dois jornais.

Estranho, pensei que eles estariam com medo do FBI, e não com medo do homem. Talvez eles chegaram a um acordo. Alguns deles pelo menos.

É o PC? Cara, o que está acontecendo com ela. Ela não controla a própria boca. Ou o ego.

Arrume um bom contato ou escreva e sele mensagens com uma impressão digital. Eu tenho ideias que gostaria de deixar a vocês todos.

Obrigado irmão por nos ajudar. Irmãos lindos, áridos e disciplinados por aqui. Eu gostaria de enviá-los para você algum dia.

George, 21/02/1971

Nos últimos três anos de sua vida, o camarada Jackson se sentiu sustentado e apoiado pelo Partido Pantera Negra. Ele havia lutado sozinho por tanto tempo para elevar a consciência de seus companheiros negros aprisionados que seu exemplo encorajou milhares que eram mais fracos e menos corajosos que ele. Mas o preço que pagou na desinformação e nas represálias era espantoso. Dentro do Partido não estava mais sozinho; ele se tornou parte de um vigoroso e invencível movimento de libertação revolucionário. Em seu segundo livro, *Blood in My Eye*, expressou tal confiança: “O Partido Pantera Negra é a maior e mais poderosa força

política que existe de fora da política do *establishment*. Extraí esse poder do povo. É a vanguarda natural e política do povo”.

George pediu ao Partido para publicar seu primeiro livro, *Soledad Brother*, mas nas difíceis negociações, entre vai e vens e sem contato direto, os acordos não foram possíveis. Para garantir que esse erro nunca mais ocorreria, deixou a sua propriedade e todos seus escritos para o Partido. O mais importante, nos legou seu espírito e seu amor.

O funeral de George foi realizado em Oakland em 28 de agosto de 1971 – exatamente uma semana depois de seu assassinato – na Igreja Episcopal de Santo Agostinho, pastoreada pelo padre Earl Neil. Uma multidão de cerca de 7 mil amigos se reuniu para prestar suas últimas homenagens para o nosso camarada caído, e o Partido Pantera Negra enviou um grande contingente de camaradas para lidar com a multidão e proteger a família de Jackson. Eu cheguei na Igreja logo antes da procissão do funeral. O santuário do segundo andar estava vazio, mas da janela eu pude ver a multidão se estendendo por mais de um quarteirão em cada direção, preenchendo todos os espaços disponíveis e fechando as ruas para a passagem de carros.

Alguns panteras sentaram-se nas escadas falando baixo. Ocasionalmente aliviavam os camaradas que estavam controlando a multidão e dirigindo o trânsito do lado de fora. As crianças do Instituto Intercomunal da Juventude estavam ali, e ainda que estivessem no prédio desde a manhã bem cedo, não reclamaram de cansaço. As crianças sentiram muito a perda de George; quando ficaram sabendo de sua morte na semana anterior, todas elas escreveram mensagens de condolências para a sua mãe. Elas amavam George, e em seus rostos eu podia ver a sua determinação em crescer e realizar seus sonhos de libertação.

Tinha muita tensão. Havíamos recebido muitas ameaças na semana anterior, de guardas da prisão, da polícia, e de muitos outros, alegando que o funeral não aconteceria, e se acontecesse, haveria motivo para mais funerais de panteras negras. Estávamos prontos para qualquer coisa. Os camaradas estavam nervosos com as ameaças, e era justo que estivessem nervosos com a contínua opressão sobre os pobres e o povo negro que vivem nesta terra. Dava para ver em se-

us rostos, em seus passos medidos, firmes, em seus punhos cerrados, e em suas vozes enquanto saudavam o carro fúnebre com gritos de “Poder ao Povo!” e “Viva o espírito de George Jackson!”.

Quando o cortejo fúnebre chegou, Bobby e eu nos preparamos para saudar o povo enquanto entravam na porta da Igreja. Foi a primeira vez que Bobby e eu compartilhamos uma plataforma pública em mais de quatro anos, mas não havia motivo para se alegrar. Não dissemos nada entre nós; sabíamos muito bem o que o outro estava pensando.

Quando o caixão com o corpo do camarada George foi trazido para o santuário, uma canção estava tocando – Nina Simone cantando “I Wish I Knew How It Would Feel to Be Free”. Dentro da Igreja, as paredes estavam rodeadas de panteras negras carregando armas. George havia dito que não queria flores em seu funeral, apenas rifles. Ao honrar seu pedido, também estávamos protegendo a sua família e todos aqueles que se dedicavam a seguir adiante com seu espírito. Qualquer pessoa que entrasse naquele santuário com o propósito de começar alguma provocação saberia que não teria a oportunidade de ir muito longe. Na morte, assim como na vida, George pensou nos melhores interesses dos seus companheiros.

Padre Neil fez um pronunciamento breve, mas poderoso sobre a lição da morte de George Jackson, que o povo negro teria de se levantar e tomar seu destino em suas próprias mãos. Bobby leu algumas das mensagens enviadas de todo o mundo, Elaine Brown cantou “One Time’s Too Much to Tell Any Man that He’s not Free”, e eu pronunciei o elogio, que em parte foi:

George Jackson era meu herói. Ele deu o exemplo para presos, presos políticos, para o povo. Ele mostrou o amor, a força, o fervor revolucionário característico de qualquer soldado do povo. Ele inspirou os presos, que mais tarde eu encontrei, a colocar suas ideias na prática e assim seu espírito se tornou uma coisa viva. Hoje, eu digo que ainda que o corpo de George tenha caído, seu espírito segue adiante, porque suas ideias vivem. E nós veremos que estas ideias permanecerão vivas, porque irão se manifestar em

nossos corpos e nos corpos desses jovens panteras, que são nossos filhos. Então é verdadeiro dizer que haverá revolução de uma geração para a próxima. Este é o legado de George, e ele irá continuar, e continuará até a imortalidade, porque acreditamos que o povo vencerá, nós sabemos que o povo vencerá, à medida que ele avançar, geração após geração.

Que tipo de exemplo George Jackson deu? Primeiro, ele era um homem forte, sem medo, determinado, cheio de amor, força e dedicação à causa do povo. Ele viveu uma vida que devemos louvar. Não importasse o quanto fosse oprimido, não importasse quantos erros houvesse cometido, ainda mantinha o amor pelo povo. E é por isso que ele não sentiu dor em dar sua vida à causa do povo.

Mesmo depois de sua morte, George Jackson é uma figura lendária e um herói. Mesmo o opressor reconhece isso. Para acobertar seu assassinato, afirmaram que George Jackson matou cinco pessoas, cinco opressores, e feriu três no espaço de trinta segundos. Sabe, algumas vezes eu gosto de esquecer o fato de que isso seria fisicamente impossível. Mas afinal George Jackson é meu herói. E eu gostaria de pensar que era possível; eu ficaria muito feliz pensando que George Jackson tinha a força para isso, porque isso o teria feito um super-homem (claro, meu herói teria que ser um super-homem). E vamos criar nossos filhos para ser como George Jackson, viver como George Jackson e lutar pela liberdade como George Jackson lutou.

A última declaração de George, o exemplo de sua conduta em San Quentin naquele terrível dia, deixou um exemplo para os presos políticos e para os presos da América reacionária e racista. Ele deixou um exemplo para os exércitos libertadores do mundo. Nos mostrou como agir. Demonstrou como o mundo injusto pode ser criticado pela arma. E isto certamente será verdade, porque o povo irá cuidar disso. George também disse que o opressor é muito forte, e pode nos espancar, pode nos bater até ficarmos de joelhos, pode nos esmagar, mas será fisicamente im-

possível para o opressor continuar com isso. Em algum momento suas pernas ficarão cansadas, e quando suas pernas cansarem, então George Jackson e o povo irão arrancar seus joelhos.

Então seremos muito práticos. Não iremos fazer declarações e acreditar nas coisas que as autoridades da prisão dizem – suas histórias incríveis sobre um homem matando cinco pessoas em trinta segundos. Iremos seguir adiante e viver de forma muito realista. Haverá dor e muito sofrimento para que nós possamos nos desenvolver. Mas mesmo em nosso sofrimento, eu vejo uma força crescer. Eu vejo o exemplo que George deu ainda vivo. Sabemos que todos nós iremos morrer algum dia. Mas nós sabemos que há dois tipos de morte, a morte reacionária e a morte revolucionária. Uma morte é significativa e a outra não é. George certamente morreu de maneira significativa, e a sua morte terá muito peso, enquanto as mortes daqueles que morreram naquele dia em San Quentin pesarão menos do que uma pena. Mesmo aqueles que os apoiam agora não os apoiarão no futuro, porque estamos determinados a mudar suas mentes. Iremos transformar as suas mentes ou então em nome do povo teremos que extirpá-los completamente, completamente, absolutamente e completamente.

TODO PODER AO POVO!

Todas as palavras são inadequadas para expressar a dor que se sente por um camarada caído. Mas em um poema, meu irmão Melvin chegou mais perto do que qualquer um em dar voz a nossos sentimentos sobre a perda de George Jackson:

O chamávamos de General

O céu é azul,
Hoje está claro e ensolarado,
A casa que George já
viveu, mirada no túmulo,
Enquanto o Pantera falava

do espírito.
Eu vi um homem se mover como um gato
pelos telhados,
Deslizar pelo horizonte,
Não deixando nem sombra,
apenas correntes no mar,
usando suas mãos calejadas,
e pés quebrados para
quebrar as barreiras.
Os anjos dizem que seu nome
é George Lester Jackson -
El General.

SUICÍDIO REVOLUCIONÁRIO: O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

*Huey P. Newton**

Durante vinte e dois meses na Colônia Masculina da Califórnia em San Luis Obispo, após meu primeiro julgamento pela morte do patrulheiro John Frey, fiquei quase continuamente em solitária. Lá, em uma cela de quatro por seis, exceto por livros e papéis relacionados ao meu caso, não me foi permitido nenhum material de leitura. Apesar da aplicação rígida desta regra, os presos às vezes escorregavam revidadas debaixo da minha porta quando os guardas não estavam olhando. Uma que chegou até mim foi a edição de maio de 1970 da revista *Ebony*. Ela continha um artigo escrito por Lacy Banko resumindo o trabalho do Dr. Herbert Hendin, que havia feito um estudo comparativo sobre suicídio entre os negros nas principais cidades americanas. O Dr. Hendin descobriu que a taxa de suicídio entre os homens negros com idade entre dezenove e trinta e cinco anos dobrou nos últimos dez a quinze anos, ultrapassando a taxa para os brancos na mesma faixa etária. O artigo teve – e ainda tem – um efeito profundo sobre mim. Pensei longa e duramente sobre suas implicações.

O artigo da *Ebony* trouxe à mente o clássico estudo de Durkheim, um livro que eu havia lido anteriormente enquanto estudava sociologia no Oakland City College. Para Durkheim, todos os tipos de suicídio estão relacionados as condições sociais. Ele sustenta que a causa primária do suicídio não é o temperamento individual, mas as forças do ambiente social. Em outras palavras, o suicídio é causado principalmente por fatores externos, não por fatores inter-

* Traduzido a partir do livro *Revolutionary Suicide*, autobiografia de Huey P. Newton, publicada em 1973 (Random House, EUA), com o título original "Revolutionary Suicide: The Way of Liberation", no capítulo "A Manifesto", págs. 3-7.

nos. Ao pensar sobre as condições dos negros e sobre o estudo do Dr. Hendin, comecei a desenvolver a análise de Durkheim e a aplicá-la à experiência negra nos Estados Unidos. Isto acabou levando ao conceito de "suicídio revolucionário".

Para entender o suicídio revolucionário é necessário primeiro ter uma ideia do suicídio reacionário, pois os dois são muito diferentes. O Dr. Hendin estava descrevendo o suicídio reacionário: a reação de um homem que tira sua própria vida em resposta as condições sociais que o sobrecarregam e o condenam ao desamparo. Os jovens negros em seu estudo haviam sido privados da dignidade humana, esmagados por forças opressoras e negados de seu direito de viver como seres humanos orgulhosos e livres.

Um capítulo de Crime e Castigo de Dostoiévski oferece uma boa analogia. Um dos personagens, Marmeladov, um homem muito pobre, argumenta que a pobreza não é uma dependência. Na pobreza, diz ele, um homem pode atingir a nobreza inata de alma que não é possível na mendicância; pois enquanto a sociedade pode expulsar um homem muito pobre com um porrete, o mendigo será varrido com uma vassoura. Por quê? Porque o mendigo é totalmente rebaixado, tem sua dignidade perdida. Finalmente, é privado de respeito próprio, imobilizado pelo medo e desespero, ele afunda no suicídio. Este é um suicídio reacionário.

Ligada ao suicídio reacionário, embora ainda mais dolorosa e degradante, está uma morte espiritual que tem sido a experiência de milhões de pessoas negras nos Estados Unidos. Esta morte é encontrada hoje em todos os lugares da comunidade negra. Suas vítimas deixaram de lutar contra as formas de opressão que bebem seu sangue. O que adianta? Se um homem se levantar contra uma potência tão grande como os Estados Unidos, ele não sobreviverá. Acreditando nisso, muitos negros foram levados à morte do espírito em vez da carne, caindo em uma vida de silencioso desespero. No entanto, no coração de cada Negro, há sempre a esperança de que a vida mudará de alguma forma no futuro.

Não acredito que a vida vai mudar para melhor sem um ataque ao sistema, que continua explorando os condenados da terra. Essa crença está no cerne do conceito de suicídio

revolucionário. Portanto, é melhor opor-me às forças que me levariam ao suicídio do que suportá-las. Embora eu corra o risco de morte, há pelo menos a possibilidade, senão a probabilidade, de mudar as condições intoleráveis. Essa possibilidade é importante, porque muito da existência humana é baseada na esperança, sem qualquer compreensão real das probabilidades. Na verdade, estamos todos - negros e brancos - doentes da mesma forma, mortalmente doentes. Mas antes de morrermos, como devemos viver? Digo com esperança e dignidade, e se a morte prematura for o resultado, esta morte tem um significado que o suicídio reacionário nunca poderá ter; é o preço do respeito próprio.

O conceito revolucionário de suicídio não é derrotista ou fatalista. Pelo contrário, ele transmite uma consciência da realidade, em combinação com a possibilidade de esperança porque na realidade o revolucionário deve sempre estar preparado para lutar até a morte.

O suicídio revolucionário não significa que eu e meus camaradas desejemos morrer; significa exatamente o oposto. Temos um desejo tão forte de viver com esperança e dignidade humana que a existência sem isso é impossível. Quando as forças reacionárias nos esmagam, devemos agir contra essas forças, mesmo correndo o risco de morte. Teremos de ser expulsos com um porrete.

Che Guevara disse que a morte revolucionária é a realidade e a vitória o sonho. Como o revolucionário vive tão perigosamente, sua sobrevivência é um milagre. Bakunin, que falou pela ala mais combativa da Primeira Internacional, disse algo semelhante em seu Catecismo Revolucionário. Para ele, a primeira lição que um revolucionário deve aprender é que ele é um homem condenado. A menos que ele entenda isto, ele não compreenderá o significado essencial de sua vida.

Quando Fidel Castro e seu pequeno grupo estavam no México se preparando para a Revolução Cubana, muitos dos camaradas tinham pouca compreensão da regra de Bakunin. Poucas horas antes de partirem, Fidel passou de homem em homem perguntando quem deveria ser avisado em caso de morte. Só então a seriedade mortal da revolução atingiu seu alvo. A luta deles não era mais romântica. O cenário era emocionante e animado, mas quando a simples e

avassaladora questão da morte surgiu, todos ficaram em silêncio.

Muitos dos chamados revolucionários neste país, negros e brancos, não estão preparados para aceitar esta realidade. Os Panteras Negras não são suicidas; nem romantizamos as consequências da revolução em nossas vidas. Outros pretensos revolucionários se apegam à ilusão de que podem ter a sua revolução e morrer de velhice. Isso não vai acontecer.

Não espero sobreviver à nossa revolução, e os camaradas mais sérios provavelmente compartilham do meu realismo. Portanto, a expressão “revolução em nossa vida” significa algo diferente para mim do que para outras pessoas que a usam. Acho que a revolução vai crescer durante a minha vida, mas não espero desfrutar de seus frutos. Isso seria uma contradição. A realidade será mais sombria.

Não tenho dúvidas de que a revolução triunfará. Os povos do mundo prevalecerão, tomarão o poder, tomarão os meios de produção e eliminarão o racismo, o capitalismo, o intercomunalismo reacionário – o suicídio reacionário. O povo ganhará um novo mundo. No entanto, quando penso nos indivíduos na revolução, não posso prever sua sobrevivência. Os revolucionários devem aceitar esse fato, especialmente os revolucionários negros na América, cujas vidas estão em constante perigo devido aos males de uma sociedade colonial. Considerando como devemos viver, não é difícil aceitar o conceito de suicídio revolucionário. Nisto somos diferentes dos radicais brancos. Eles não enfrentam o genocídio.

O problema maior e mais imediato é a sobrevivência do mundo inteiro. Se o mundo não mudar, todo o seu povo será ameaçado pela ganância, exploração e violência da estrutura de poder no império americano. Os Estados Unidos estão comprometendo sua própria existência e a existência de toda a humanidade. Se os americanos soubessem dos desastres que estão por vir, eles transformariam esta sociedade amanhã para sua própria preservação. O Partido Pantera Negra está na vanguarda da revolução que procura socorrer este país de sua esmagadora carga de culpa. Estamos determinados a estabelecer a verdadeira igualdade e os meios para o trabalho criativo.

Alguns veem nossa luta como um símbolo da tendência ao suicídio entre os negros. Estudiosos e acadêmicos em particular foram rápidos em fazer essa acusação. Eles não conseguem perceber as diferenças. Pular de uma ponte não é o mesmo que mover-se para exterminar a força avassaladora de um exército opressor. Quando os estudiosos chamam nossas ações de suicidas, eles devem ser logicamente consistentes e descrever todos os movimentos revolucionários históricos da mesma maneira. Assim, os colonos americanos, os franceses do final do século XVIII, os russos de 1917, os judeus de Varsóvia, os cubanos, a Frente Nacional de Libertação e os norte-vietnamitas – quaisquer pessoas que lutam contra uma força brutal e poderosa – também são suicidas. Se os Panteras Negras simbolizam a tendência suicida entre os negros, então todo o terceiro mundo é suicida, porque o terceiro mundo pretende resistir e vencer a classe dominante dos Estados Unidos. Se os estudiosos desejam levar sua análise adiante, eles devem chegar a um acordo com aqueles 4/5 do mundo que estão empenhados em destruir o poder do império. Nesses termos, o terceiro mundo seria transformado de suicida em homicida, embora homicídio seja a retirada ilegal de vidas, e o terceiro mundo esteja envolvido apenas na sua defesa. A moeda está então trocada? O governo dos Estados Unidos é suicida? Eu penso que sim.

Com essa redefinição, o termo “suicídio revolucionário” não é tão simplista quanto pode parecer à primeira vista. Ao cunhar o termo, peguei dois conhecidos e os combinei para formar um desconhecido, um termo neotérico em que a palavra “revolucionário” transforma a palavra “suicídio” em uma ideia que possui diferentes dimensões e significados aplicáveis a uma situação nova e complexa.

Minha experiência na prisão é um bom exemplo de suicídio revolucionário na prática, pois a prisão é um microcosmo do mundo exterior. Desde o início da minha sentença, desafiei as autoridades recusando-me a cooperar; como resultado, fiquei confinado em “lockup”, uma cela solitária. Com o passar dos meses e eu permaneci firme, eles passaram a considerar meu comportamento suicida. Disseram-me que eu iria ceder e quebrar sob a tensão. Eu não

quebrei, nem recuei de minha posição. Eu me tornei mais forte.

Se eu tivesse me submetido à exploração deles, feito suas vontades, isso teria matado meu espírito e me condenado à morte em vida. Cooperar na prisão significava um suicídio reacionário para mim. Embora o confinamento na solitária possa ser físico e mentalmente destrutivo, minhas ações foram tomadas com uma compreensão do risco. Tive que sofrer por uma determinada situação; ao fazer isso, minha resistência disse a eles que eu rejeitava tudo o que eles defendiam. Mesmo que minha luta pudesse ter prejudicado minha saúde, até mesmo me matado, eu via isso como uma forma de conscientizar os outros presos, como uma contribuição para a revolução em curso. Somente a resistência pode destruir as pressões que causam o suicídio reacionário.

O conceito revolucionário de suicídio não é derrotista ou fatalista. Pelo contrário, ele transmite uma consciência da realidade, em combinação com a possibilidade de esperança porque na realidade o revolucionário deve sempre estar preparado para lutar até a morte, e esperança porque simboliza uma determinação resoluta para provocar mudanças. Acima de tudo, exige que o revolucionário veja sua morte e sua vida como uma só peça. O presidente Mao diz que a morte chega a todos nós, mas varia em seu significado: a morte reacionária é mais leve que uma pena; a morte pela revolução é mais pesada que o Monte Tai.



adandê



THE

BLACK PANTHER

15 CENTS

Black Community News Service

THE PARTY FOR SELF DEFENSE

EDITORIAL:

HUEY



“O conceito revolucionário de suicídio não é derrotista ou fatalista. Pelo contrário, ele transmite uma consciência da realidade, em combinação com a possibilidade de esperança, porque na realidade o revolucionário deve sempre estar preparado para lutar até a morte.”

Huey P. Newton, em *Suicídio Revolucionário*.



adandê